



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Ana Beatriz Garcia Lima

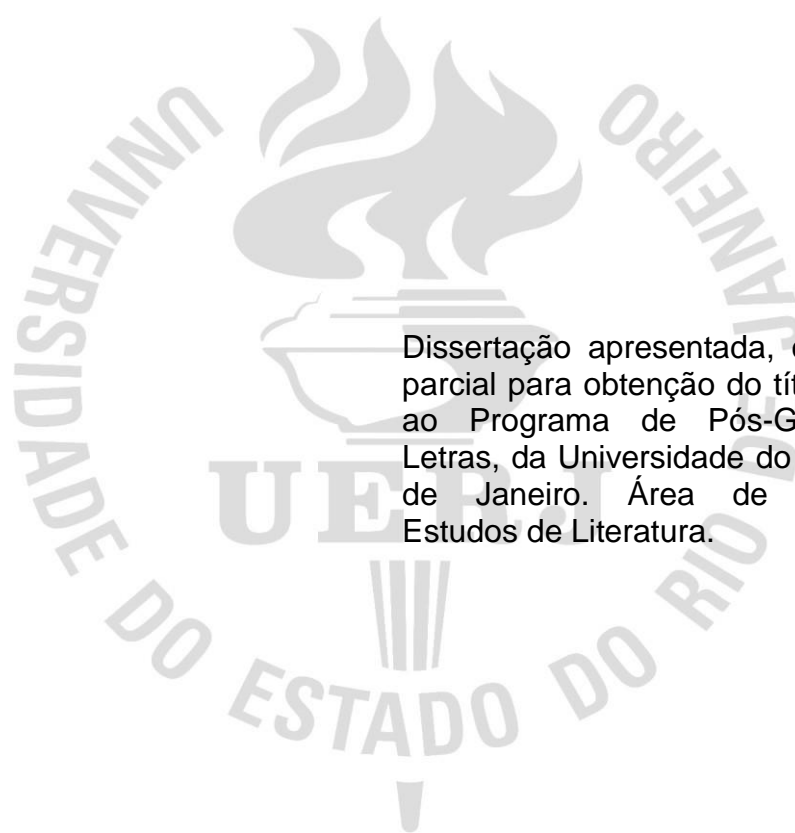
Subjetividades, identidades e caminhar de Alice, mulher de meia idade, em *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende

Rio de Janeiro

2022

Ana Beatriz Garcia Lima

**Subjetividades, identidades e caminhar de Alice, mulher de meia idade, em
Quarenta dias, de Maria Valéria Rezende**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Orientador: Prof^a. Dra. Giovanna Ferreira Dealtry

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

R467 Lima, Ana Beatriz Garcia.
Subjetividades, identidades e caminhar de Alice, mulher de
meia idade, em Quarenta dias, de Maria Valéria Rezende / Ana
Beatriz Garcia Lima. – 2022.
78 f.: il.

Orientadora: Giovanna Ferreira Dealtry.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Letras.

1. Rezende, M. V. (Maria Valéria), 1942- – Crítica e
interpretação – Teses. 2. Rezende, M. V. (Maria Valéria), 1942-
Quarenta dias – Teses. 3. Mulheres na literatura - Teses. 4. Idosas –
Aspectos sociais – Teses. 5. Subjetividade na literatura – Teses. 6.
Velhice na literatura - Teses. 7. Deslocamento (Psicologia) na
literatura – Teses. I. Dealtry, Giovanna, 1967-. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0(81)-95

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial
desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Ana Beatriz Garcia Lima

**Subjetividades, identidades e caminhar de Alice, mulher de meia idade, em
Quarenta dias, de Maria Valéria Rezende**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Aprovada em 05 de outubro de 2022.

Banca examinadora:

Prof^a. Dra. Giovanna Ferreira Dealtry (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof^a. Dra. Agnes Danielle Rissardo
Instituto de Letras – UERJ

Prof^a. Dra. Stefania Rota Chiarelli
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

À Valderez Nessralla Garcia, *in memoriam*, minha avó, melhor amiga, exemplo de generosidade, humildade, determinação e de mulher. Os seus caminhos conduziram – e continuam conduzindo, os meus. Sou grata por ter dividido 25 anos da minha vida com você. Obrigada por tudo. Sinto sua falta todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Aos professores(as), funcionários(as) e colegas do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) por todas as vivências e trocas nos últimos anos.

À minha orientadora, professora Giovanna Dealtry, por tantos ensinamentos, pelos debates necessários, pela escuta sensível, pelo olhar atento, pelo conhecimento partilhado, pela empatia em momentos difíceis, pelo sorriso de cada encontro, pela paciência ao longo do processo, pela parceria na Especialização e no Mestrado.

À professora Ana Cristina Santos (*in memorian*), por ter me apresentado a pesquisa e por ter despertado a vontade de buscar mais conhecimento e abrir novos horizontes.

Às professoras integrantes da banca examinadora Agnes Rissardo e Stefania Chiarelli, por terem aceitado o convite para este diálogo.

Aos professores Henrique Samyn e Ieda Magri, pelas valiosas contribuições na banca de qualificação.

À escritora Maria Valéria Rezende, pela sua rica literatura.

Ao ensino público e de qualidade, pilar da minha formação e ao qual faço parte desde 2006. Ao Colégio Pedro II e à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, minha gratidão por transformarem a minha vida!

Aos meus avós, Adalberto e Valdez, (*in memorian*), por todo o amor que sempre me deram em vida. Eles foram meus maiores incentivadores ao longo da graduação e continuam sendo minhas maiores referências de seres humanos. Saudades eternas e gratidão infinita.

Aos meus pais, Ricardo e Maria Carmen, por serem incansáveis para que eu tenha as melhores oportunidades da vida. Obrigada pela confiança, pelo amor, pela compreensão, por serem tão presentes na minha caminhada. Essa conquista é nossa!

À minha irmã, Ana Maria, por dividir a vida comigo. Gratidão pela confiança, pela ajuda e por me fazer querer ser melhor.

Ao meu tio Adalberto Garcia Junior (*in memorian*), por sempre ter vibrado tanto com as minhas conquistas e por ser uma referência na minha vida. Agora

somos os mestres da Família Garcia.

Aos amigos e demais familiares que dividiram essa caminhada comigo.
Obrigada pela compreensão nas ausências e por acreditarem que tudo daria certo!

A velhice é a paródia da vida

Simone de Beauvoir

RESUMO

LIMA, Ana Beatriz Garcia. *Subjetividades, identidades e caminhar de Alice, mulher de meia idade, em Quarenta dias, de Maria Valéria Rezende*. 2022. 78 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

A presente dissertação é oriunda de uma pesquisa realizada há alguns anos, relacionada às questões identitárias e subjetivas e os deslocamentos de personagens marginalizados em um contexto contemporâneo. O livro *Quarenta dias* (2014), de Maria Valéria Rezende, escritora paraibana, foi o romance escolhido para que tais análises fossem realizadas a partir da personagem Alice, uma mulher idosa, aposentada, nordestina e independente que se vê pressionada deixar João Pessoa, sua cidade natal, para ir viver em Porto Alegre, cidade onde sua filha mora, sob o pretexto de ser uma “avó profissional” de um neto que sequer existe. Este trabalho se torna relevante na medida em que se analisa muito sobre os papéis da mulher idosa na sociedade machista e etarista e os deslocamentos como forma de contato com o outro e consigo mesma, tema, de modo geral, menos observado na literatura contemporânea. *Quarenta dias* permite que temas relativos ao lugar da mulher idosa na sociedade e ao deslocamento e caminhadas sejam analisados a partir da subjetividade e do olhar da experiência feminina. A discussão sobre tal conflito baseia-se na fundamentação teórica sobre o papel, a visibilidade e o valor da mulher idosa na sociedade contemporânea e a personagem feminina no contexto de deslocamento, cidade, identidade, subjetividade e representação a partir de autores como Beauvoir (1970), Benjamin (1991), Carreri (2017), Dalcastagnè (2007), Hall (2006), Hollanda (2005), Melo (2010), Pachá (2019), Perrot (2005), Solnit (2016), Toro (2010) e Xavier (2021) e outros.

Palavras-chave: Maria Valéria Rezende. Quarenta dias. Subjetividade. Velhice. Deslocamentos.

RESUMEN

LIMA, Ana Beatriz Garcia. *Subjetividades, identidades y caminares de Alice, mujer anciana, em Quarenta dias, de Maria Valéria Rezende*. 2022. 78 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

La presente disertación es oriunda de una búsqueda realizada hace algunos años, relacionada a las cuestiones identitarias y subjetivas y los desplazamientos de los personajes a las márgenes en un contexto contemporáneo. El libro *Quarenta dias* (2014), de Maria Valéria Rezende, escritora brasileña y paraibana, fue el romance elegido para que tales análisis fueran realizadas a partir del personaje Alice, una mujer anciana, jubilada, nordestina e independiente que se encuentra presionada a dejar João Pessoa, su ciudad natal, para ir vivir en Porto Alegre, ciudad donde su hija vive, bajo el pretexto de ser una “abuela profesional” de un nieto que siquiera existe. Este trabajo se torna relevante en la medida que se analiza mucho sobre los papeles de la mujer anciana en la sociedad machista y etarista y los desplazamientos como forma de contacto con el otro y consigo misma, tema, de modo general, menos observado en la literatura contemporánea. *Quarenta dias* permite que temas relacionados al lugar de la mujer anciana en la sociedad al desplazamiento y caminadas sean analizados a partir de la subjetividad y de la mirada de la experiencia femenina. La discusión sobre tal conflicto se basa en la fundamentación teórica sobre el papel, la visibilidad y el valor de la mujer anciana en la sociedad contemporánea y el personaje femenina en el contexto de desplazamiento, ciudad, identidad, subjetividad y representación a partir de autores como Beauvoir (1970), Benjamin (1991), Carreri (2017), Dalcastagnè (2007), Hall (2006), Hollanda (2005), Melo (2010), Pachá (2019), Perrot (2005), Solnit (2016), Toro (2010), Xavier (2021) y otros.

Palabras clave: Maria Valéria Rezende. Quarenta dias. Subjetividad. Vejez. Desplazamientos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Anúncio de uma restaurante de comida italiana.....	36
Figura 2 – Comanda de lanchonete.....	37
Figura 3 – Anúncio de empreendimento imobiliário.....	38
Figura 4 – Procura-se a Madonna, cachorrinha desaparecida.....	39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 ESCRITA, DESLOCAMENTOS E (RE)CONSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO	18
1.1 A produção literária de Maria Valéria Rezende.....	18
1.2 Aspectos da literatura brasileira contemporânea em <i>Quarenta dias</i>	20
1.3 A influência contemporânea nos cruzamentos temáticos presentes na obra	33
2 OS DESLOCAMENTOS DE ALICE PELA CIDADE	41
2.1 Alice: representações e invisibilidade em seus deslocamentos	41
2.2 A busca por Cícero como uma busca por si mesma	44
2.3 Entre o apartamento e a rua: os desafios de se (re)conhecer nos espaços	53
3 IDENTIDADES E SUBJETIVIDADES EM ALICE, MULHER DE MEIA IDADE .	59
3.1 Representação e velhice em <i>Quarenta Dias</i>	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS	75

INTRODUÇÃO

O presente trabalho realizado a partir da análise do romance *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende, é resultado de uma pesquisa que começou em 2017 sob a orientação da professora Ana Cristina dos Santos, durante a experiência que tive como bolsista em iniciação científica, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O interesse pela narrativa de Rezende e pelas diversas possibilidades temáticas que a obra proporciona foi tanto que optei por realizar minha monografia da Especialização em Literatura Brasileira na UERJ sobre o mesmo livro, em 2019, abordando as questões identitárias de Alice, a personagem principal da narrativa, e sob a orientação da professora Giovanna Dealtry.

No mestrado, ingressei com uma proposta muito ampla, que seria pesquisar sobre os deslocamentos e as questões identitárias e subjetivas em personagens femininas da literatura brasileira contemporânea. E, seguindo o que eu já havia pesquisado e produzido antes e sob a orientação da professora Giovanna Dealtry, decidi continuar com o mesmo romance, mas pesquisando a questão da velhice e dos deslocamentos da mulher idosa na cidade. Tais eixos permitiram que novos horizontes se abrissem, já que conheci outros teóricos fundamentais para a construção da análise do romance.

Ao escolher adentrar no romance *Quarenta dias*, passei a conhecer um pouco da história de Maria Valéria Rezende, autora da obra publicada em 2014 e vencedora de alguns prêmios nacionais e internacionais. Com *Quarenta dias*, Rezende ganhou o prêmio Jabuti de Melhor Romance e Livro do Ano em 2015, e em outros anos ganhou o mesmo prêmio na categoria infantil e na juvenil, comprovando a versatilidade da escritora que começou a publicar com 60 anos. Nascida em Santos, Maria Valéria Rezende tornou-se freira e, por conta do seu compromisso com a Educação Popular e com a Igreja Católica, conheceu e viveu em diversos lugares do Brasil e do mundo. Tais deslocamentos realizados ao longo de sua vida religiosa permitiram que a escritora pudesse escrever com mais precisão as vivências de algumas de suas personagens, como é o que ocorre no romance do presente trabalho.

Maria Valéria é autodeclarada feminista e tem como uma das pautas de sua luta o resgate e a promoção de escritoras brasileiras. Ela é fundadora do grupo

Mulherio das Letras, que reúne mais de 5 mil romancistas, contistas e poetas do Brasil e do exterior. Rezende defende que o grupo é uma resposta ao machismo no mundo dos livros, que acaba sendo replicado pela mídia e pela sociedade, de um modo geral.

A escrita de Rezende tem ganhado notoriedade nos últimos anos, visto que as obras da escritora de origem santista, mas que vive na Paraíba, têm originado pesquisas país afora – com artigos, dissertações e ensaios publicados sobre seus escritos, ampliando o alcance de suas publicações e, conseqüentemente, tornando as questões apresentadas pela escritora mais acessíveis e discutíveis a todos.

No entanto, alguns meios de imprensa ainda insistem em invisibilizar escritoras como Maria Valéria, como foi o caso de uma reportagem do jornal Folha de São Paulo, em 2015, que apresentou a seguinte manchete: “Freira que venceu Jabuti fala de seu livro e critica “chororô” dos jovens.” Nessa mesma reportagem, a escritora alfineta outras manchetes que a restringia de maneira estereotipada, como foi o caso de “veterana desbanca Chico Buarque e Cristovão Tezza”, que eram os outros concorrentes dela na premiação (BALOUISSIER, 2015).

Por que tratam Rezende de veterana, de freira e tratam os homens pelos seus devidos nomes e sobrenomes? Por que tratam Chico Buarque e Cristovão Tezza, também idosos, por seus respectivos nomes e não por meros escritores, veteranos? Será que o gênero realmente faz diferença na hora de caracterizar e credibilizar um/a escritor/a? Será que o fato de existir uma mulher idosa, freira, escrevendo histórias é um motivo para não nomear tal escritora? Ou será que a escrita masculina é mais valorizada do que a feminina, independentemente da idade?

Tais questionamentos, muitos deles reflexos da sociedade machista, reforçam a importância da discussão no presente trabalho: a (in)visibilidade da mulher da terceira idade na sociedade, seja ela escritora premiada nacionalmente ou uma simples professora que só gostaria de viver a sua aposentadoria na sua cidade natal e em paz. Atitudes como as encontradas nas reportagens só mostram o quão longe estamos de uma sociedade realmente igualitária e que realmente reconheça e valorize a presença das mulheres de meia idade em posições importantes.

O romance *Quarenta Dias*, o principal *corpus* do presente trabalho, narra os dramas de Alice, uma professora de francês paraibana e aposentada que se vê obrigada – e pressionada - a abandonar sua vida em João Pessoa e se mudar para

Porto Alegre para acompanhar e ajudar a filha, Aldenora, carinhosamente chamada de Norinha, em sua possível gestação. Alice relutou em fazer essa transição, deixando sua casa, seus objetos e sua vida na Paraíba para acatar a vontade de sua filha, que em muitos momentos do romance se mostra egoísta em relação ao bem-estar da própria mãe.

Já enchi páginas e não achei o começo. Deixe de embromar, Alice, confesse que o broto desse espinheiro que cresceu dentro de você foi a revelação do egoísmo da sua filha. Foi isso. Diga à Barbie o que você está sem coragem de dizer a si mesma. Diga. (REZENDE, 2014, p.24)

No decorrer da história, o romance é estruturado em forma de um “diário” dos eventos recentes ou caderno de memórias, de forma que o leitor é um interlocutor imediato dos dramas e angústias de Alice e de modo que a Barbie, personagem presente na capa do diário/caderno de Alice, também seja uma interlocutora recorrente nos escritos da personagem principal, como podemos ver abaixo:

Sentiu minha falta, Barbie, mais de um dia sem me ouvir?, Pudera!, acho que desde que nos conhecemos é a primeira vez que passamos mais de vinte e quatro horas sem nos ver, quer dizer, força de expressão, boneca dos olhos de tinta, você me vê?, vê nada! (REZENDE, 2014, p.199)

O romance também apresenta um olhar crítico para a sociedade atual, principalmente a partir do momento em que a personagem principal sai em busca de Cícero Araújo, deslocando-se pelas margens da cidade e revelando os diversos encontros que ela vivencia pelo caminho. Em suas andanças, Alice descobre em Porto Alegre um mundo de pessoas simples, de muitos *brasileirinhos* como ela, espalhados pela cidade, dos operários e das donas de casa, do poeta argentino Arturo que vivia nas ruas e de Lola, uma mulher simples que a acolheu e a aconselhou.

Continuei por semanas minha romaria pelo *avesso da cidade*, explorando livremente todas as brechas, quase invisíveis pra quem vive na superfície, pra cá e pra lá, às vezes à tona e de novo pro fundo, rodoviárias, vilas, sebos e briques, alojamentos, pronto-socorro, portas de igrejas, de terreiros de candomblé, procurando meus iguais (REZENDE, 2014, p.235 – grifos nossos).

Os avessos da cidade pelos quais Alice caminhava eram os lugares poucos frequentados pelos habitantes locais, seja pelo perigo e violência existentes nesses lugares, seja pela presença da população mais marginalizada da cidade. Na constante busca por seus iguais, a personagem apresenta semelhanças com a

própria autora do romance, de modo que Maria Valéria Rezende também transitou por diversos lugares ao longo de sua vida para difundir a Educação Popular nas diferentes regiões do Brasil e também no exterior. As andanças de Alice e Maria Valéria, embora fossem por motivo distintos, fizeram com que elas encontrassem realidades diferentes das até então vividas por elas, de modo que ajudar o próximo tornou-se uma das principais finalidades dos seus caminhar.

A obra apresenta muitas marcas de autoria feminina, de escritas de si, de sujeito migrante, do hibridismo cultural, de intertextualidade, de estranhamento cultural e local, de deslocamentos, ressignificações, desterritorialização e reterritorialização, de tradução e tradição cultural, e de questões relativas ao corpo e a cidade. No entanto, neste presente trabalho investigaremos o deslocamento a partir do lugar que a mulher, especialmente a idosa, ocupa na literatura, a fim de debater a visibilidade/ representação da mulher mais velha na literatura contemporânea.

Sobre as marcas de autoria feminina, é importante considerar que as últimas décadas têm apresentado narrativas com protagonistas mulheres, que passam a ser sujeitos de suas próprias histórias, capazes de conduzir suas vidas conforme seus valores e seus processos de autoconhecimento. Como é o caso de *Mar Azul*, de Paloma Vidal, que apresenta a questão da memória, do passado, da ausência, do luto e do exílio em um tom melancólico da protagonista. Há também o romance de Martha Batalha que virou filme, *A vida invisível de Eurídice Gusmão*, que traz a história de duas irmãs – Eurídice e Guida - que muito se assemelham às histórias de mulheres que não puderam protagonizar as suas próprias vidas, tratando de temas como injustiças, marginalização e violência com ironia e humor. *Velhos*, de Alê Motta, é uma obra que merece destaque por tratar da finitude e do caráter íntimo da velhice. Tais pontos típicos da contemporaneidade são facilmente reconhecidos em *Quarenta dias*, assim como é possível encontrar marcas de escritas de si, já que a personagem vive situações, deslocamentos propriamente ditos, que foram realizados pela autora, embora seja uma narrativa ficcional.

Desse modo, a partir do conceito de identidade no contexto contemporâneo e do jogo visibilidade/invisibilidade do sujeito na cidade, chegaremos a respostas para questões relativas à autonomia de pessoas idosas, sobretudo mulheres, e para questões referentes à fragilidade dos papéis sociais para os sujeitos postos à margem da sociedade.

Apesar da literatura brasileira contemporânea estar vivenciando um momento de protagonismo de autoras e personagens femininos, chama atenção como as personagens idosas ainda são minoria. Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles foram duas autoras que escreveram sobre o descarte das mulheres idosas, mas em contextos diferentes do abordado na obra de Rezende. A título de exemplo, no conto “Feliz Aniversário” (1960), presente na coletânea *Laços de Família*, Clarice traz Dona Anita em sua festa de aniversário de oitenta e nove anos. A senhora aniversariante passa o evento contemplando seus convidados, ouvindo as conversas, observando as expressões, as reações, os gestos, para concluir que o comportamento dos familiares não é verdadeiro, como é possível observar em “Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão”. (LISPECTOR, 1998, p.41). Esse trecho comprova que os laços de família já não se sustentavam mais, e que a velha senhora aniversariante provocava sentimentos ruins aos seus familiares, motivo que fazia com que a aniversariante fosse ainda mais silenciada pelos parentes.

Esse fingimento e a clara falta de vínculos afetivos dos presentes faz com que a personagem socialmente silenciada se rebele e expresse seu sentimento de desprezo, solidão, nojo, revolta a tanta indiferença dos seus convidados. Lispector, de certa forma, busca sensibilizar os leitores enquanto é tempo, mostrando que o idoso precisa de afeto, de cuidado, de respeito dos seus familiares, de modo que a sociedade possa repensar sobre a autenticidade das relações humanas.

Se em “Feliz Aniversário”, Dona Anita é socialmente silenciada por sua família, em “Senhor Diretor” (1977), de Lygia Fagundes Telles, publicado em *Seminário dos ratos*, a personagem idosa está em outra perspectiva. Nessa narrativa, é a protagonista Maria Emília que se silencia, de forma a reprimir sua sexualidade, já que aos 62 anos é uma mulher conservadora e se vê a ponto de escrever uma carta ao diretor de um jornal para criticar a sociedade “sem valores” apresentada pela exposição escancarada dos corpos seminus em revistas, que, para ela, é uma liberação sexual como um todo. A personagem se sentia atingida com esses novos costumes e buscou experimentar um pouco de liberdade depois de tanta repressão a qual sempre foi submetida, de modo a questionar a maneira como conduziu a sua própria vida.

Se ao menos tivesse entrado para um convento, me abrasado nas vigílias, nos jejuns, dilacerando pés e mãos na piedade – que provas dei eu da minha devoção? É a vontade de Deus, mamãe costumava dizer e eu fiquei repetindo, é a vontade de Deus, mas seria mesmo? Que sei eu dessa Vontade? (TELLES, 2009, p. 31)

Lygia apresenta, em muitos de seus romances, protagonistas mulheres que vivem crises de identidade determinadas, em sua maioria, por questões familiares ou por questões relacionadas ao corpo e ao *ser mulher*. As questões que Telles buscava apresentar em suas obras também são encontradas no romance de Maria Valéria Rezende, como veremos mais adiante.

Quarenta dias, de Maria Valéria Rezende, permite que temas relativos ao lugar da mulher mais velha na sociedade e ao deslocamento sejam analisados a partir da particularidade e do olhar da experiência feminina. O livro problematiza a figura estereotipada da idosa, que, socialmente, é quase sempre limitada às funções domiciliares. Conforme mencionado anteriormente, a própria escritora, que tem uma história de ruptura com o papel que lhe era imputado e previsto socialmente, o da mulher que foi ser freira, sabe da importância das suas escolhas. Em entrevista ao jornal *Estado de São Paulo*, ela afirma:

Era um tempo em que o mundo fazia a seguinte pergunta para as meninas: “Quer casar ou vai ser freira?” A ideia de vida para a maioria era casar, ter um único emprego, viver na mesma cidade, criar um monte de filhinho. Depois de tanta aventura eu ia virar dona de casa? Não. (Estado de São Paulo – Maria Fernanda Rodrigues – 2 de maio de 2014)

Assim, a partir do que foi apresentado até o momento, objetiva-se que os próximos capítulos sejam constituídos a partir de quatro eixos: o deslocamento migrante de João Pessoa para Porto Alegre, os caminharos ao longo da cidade, as questões relacionadas à subjetividade e identidade do indivíduo e a representação da velhice, de modo a relacionar tais questões aos aspectos da literatura brasileira contemporânea na obra analisada.

O primeiro capítulo busca apresentar conceitos e teóricos importantes para a discussão e análise das temáticas do trabalho, a fim de contextualizar a obra e suas contemporaneidades, principalmente no que tange aos deslocamentos; ao hibridismo cultural; ao sujeito feminino idoso e ativo e à escrita e memória. Já o segundo capítulo, tratará sobre os deslocamentos e caminharos da personagem principal, de modo a apresentar o espaço doméstico, o apartamento onde Alice vive em Porto Alegre, como uma crítica ao patriarcado; os deslocamentos da mulher

idosa no contexto contemporâneo, como a deslocamento forçado realizado pela protagonista; a xenofobia e o racismo enfrentados pela personagem. Tal capítulo também tratará do processo de caminhada de Alice ao longo dos quarenta dias, da importância da prática andarilha no processo de (auto)conhecimento e assimilação cultural e apresentará a busca por Cícero, que pode ser considerado um momento de reflexão sobre a questão identitária. E, por fim, o terceiro capítulo, será destinado às subjetividades e identidades de Alice, uma mulher de meia idade. Esse capítulo abordará a representação da velhice no romance, a pluralidade de personalidades de Alice e a importância da escrita para a personagem, sendo um reencontro consigo mesma, destacando a importância da rememoração, da escrita como memória e organização de si. As considerações finais buscarão trazer reflexões importantes feitas ao longo do trabalho e questionamentos acerca do que se espera para a literatura contemporânea em relação à temática abordada no trabalho.

É importante ressaltar que este trabalho se apresenta como um recorte das diversas questões evidenciadas no romance: a questão da autonomia e da representação enquanto forma reguladora dos comportamentos e papéis sociais da figura feminina de meia-idade na sociedade contemporânea. No entanto, outros estudos e discussões poderão surgir a partir da leitura e análise da obra, a fim de promover a leitura crítica da produção literária que retrata as mulheres de meia idade.

1 ESCRITA, DESLOCAMENTOS E (RE)CONSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO

1.1 A produção literária de Maria Valéria Rezende

Maria Valéria Vasconcelos Rezende nasceu em Santos (SP) em dezembro de 1942, vivendo na cidade até por volta dos 18 anos de idade. Aos 23 anos entrou para a Congregação de Nossa Senhora, que acabou fazendo parte de sua formação religiosa, tornando-se freira posteriormente. Rezende é graduada em Língua e Literatura Francesa – formação da personagem Alice, conhecida também como Professora Póli, em *Quarenta dias*, além de pedagogia e de ser Mestre em Sociologia pela UFPB – Universidade Federal da Paraíba. Nos anos 60, iniciou sua carreira como educadora, atuando como dirigente nacional da Juventude Estudantil Católica, dando ênfase à educação popular e conhecendo a realidade e a desigualdade educacional no Brasil e no mundo.

As vivências e experiências de Maria Valéria Rezende podem ser encontradas em suas criações literárias, em que traços autobiográficos podem ser evidenciados, como é o caso, em *Quarenta dias*, da formação de Alice ser a mesma de Rezende e de ambas terem vivido em João Pessoa.

A primeira obra de ficção de Rezende foi lançada em 2001, quando a autora estava prestes a completar 60 anos, época em que, segundo a autora, ela poderia dedicar-se integralmente à carreira de escritora. A obra *Vasto mundo* (2001), uma coletânea de 15 contos que possuía uma unidade, um entrelaçamento entre as histórias: o compartilhamento do mesmo espaço do enredo, a cidade fictícia denominada Farinhada. Em *Vasto mundo* (2001) é possível perceber uma característica muito marcante da escrita de Maria Valéria Rezende e das narrativas de autoria feminina dos últimos tempos, o foco nas personagens femininas. Nos contos, vemos mulheres retratadas em uma situação de opressão e dos mais variados perfis. Vale salientar que essas mulheres passam por um processo de invisibilidade em relação aos homens com os quais elas convivem nas narrativas, de forma que tais personagens femininas ficam impossibilitadas de realizarem seus desejos e obterem seus direitos. Essa coletânea de contos ainda apresenta uma outra característica importante e recorrente nas obras de Rezende no que tange a

ausência de um personagem masculino dominante, sendo as mulheres as responsáveis por seus deslocamentos e mudanças de comportamento e personalidade.

Além da obra citada, Maria Valéria Rezende possui uma considerável produção literária que engloba a escrita de romances, contos, crônicas, ensaios e coletâneas, abrangendo diversos públicos. Na última década, a produção de Rezende tem sido muito difundida no âmbito da crítica literária nacional, de forma que a escritora já foi reconhecida por sua produção ao ganhar diversos prêmios, incluindo três vezes o prêmio Jabuti, o mais importante do cenário literário brasileiro, com as obras *Quarenta dias* (2015), *No risco do caracol* (2009) e *Ouro dentro da cabeça* (2013), sendo os dois últimos premiados na categoria infantil e infanto-juvenil, respectivamente.

Outros Cantos (2017), romance de Rezende premiado internacionalmente pela Casa de Las Américas, merece uma atenção especial ao analisarmos o enredo da obra em relação às temáticas do presente trabalho. A obra, de um modo geral, conta a história de Maria, uma educadora, que sai em missão mundo afora em prol da educação e, ao voltar para a sua cidade natal, um vilarejo nordestino, para dar uma palestra se depara com um processo de rememoração e (re)descobertas. Os deslocamentos da personagem, as críticas sociais, a expressividade da memória e o rico trabalho de descrição e do relato por parte da narradora faz com que a narrativa de *Outros Cantos* (2017) se assemelhe ao romance *Quarenta dias* (2015).

Ambas as obras, em especial *Quarenta dias*, tratam da escrita de autoria feminina com personagens femininas, de forma a constituir “uma grande empreitada: a construção de uma memória (literária ou não) feminina na cultura brasileira.” (SILVA, 2012). E Maria Valéria participa dessa empreitada sendo uma voz importante na literatura, principalmente ao ceder o protagonismo de suas obras a mulheres marginalizadas e aos invisibilizados pela sociedade, que insiste em julgar àqueles que fogem ao padrão visto como “aceitável” e “normal”. Assim, não é à toa que Rezende é considerada uma escritora ímpar na literatura contemporânea brasileira, principalmente por retratar mulheres fortes frente às situações de repreensão. Renata Cristina Sant’Ana, em sua tese de doutorado pela Universidade Federal de Juiz de Fora sobre o sertão e a cidade no universo feminino de Maria Valéria Rezende, afirma que foi com *Quarenta dias* que “a escritora alcança uma maior visibilidade na cena literária brasileira. O reconhecimento deste seu romance

favoreceu não apenas a divulgação do seu trabalho, como contribuiu também para a ampliação do interesse pelo estudo de sua obra.” (SANT’ANA, 2020).

Dessa forma, as escritas de Maria Valéria Rezende acabam destacando a capacidade de resiliência e adaptabilidade da personagem feminina em relação às normatizações reguladoras da sociedade. Além de corroborar com a reconstrução identitária das personagens e de suas reinvenções, a fim de mudar o rumo de suas próprias histórias.

1.2 Aspectos da literatura brasileira contemporânea em *Quarenta dias*

Deslocar-se de um lugar a outro é inerente ao ser humano e para registrar esses deslocamentos, o indivíduo, muitas vezes, escreve, assim como Alice escreve em seu caderno, fazendo-o uma espécie de diário ou memórias dos eventos recentes. Ao longo dos séculos, diferentes formas discursivas registraram experiências que inscreveram o viajante ou migrante no espaço e problematizaram o seu encontro com o diferente, com o outro. Esses discursos permitem-nos compreender que o ato do deslocamento acarreta ao viajante uma experiência de profunda transformação pessoal, decorrente basicamente do contato com a alteridade. Desse modo, torna-se impossível desvincular os relatos oriundos dos trânsitos das questões identitárias. As identidades afetam e são afetadas pelas viagens, já que a experiência do deslocamento permite, a partir do encontro com o outro, um constante processo de reconfiguração da subjetividade, ou seja, uma (re)invenção de si mesmo:

À medida que viaja, o viajante se desenraíza, solta, se liberta. Pode lançar-se pelos caminhos e pela imaginação, atravessar fronteiras e dissolver barreiras, inventar diferenças e imaginar similaridades. A sua imaginação voa longe, defronta-se com o desconhecido, que pode ser exótico, surpreendente, maravilhoso, ou insólito, absurdo, terrificante. Tanto se perde como se encontra, ao mesmo tempo em que se reafirma e modifica. No curso da viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte não é nunca aquele que regressa. (IANNI, 2003, p. 31)

A relação entre movência e subjetividade explica o fato de as identidades estarem no centro das discussões culturais contemporâneas, já que os movimentos – seja por questões políticas, econômicas, culturais, militares ou familiares, como é o

caso da obra de Rezende – transformaram-se na nova condição da humanidade (TORO, 2010, p. 08) e parecem caracterizar o momento atual das sociedades. Para Hall (2006, p. 22), a experiência do *deslocamento* é inerente às sociedades globalizadas e multiculturais contemporâneas. O desenvolvimento dos meios de transportes e da tecnologia impulsionou essa ânsia de movência que, conseqüentemente, acabou por diminuir os obstáculos relacionados ao tempo e ao espaço, encurtando ou eliminando distâncias e fronteiras. Como decorrência dessa facilidade em deslocar-se, os fluxos migratórios tornaram-se mais intensos. Em toda parte, há comunidades étnicas ou indivíduos considerados "estrangeiros" praticando seus próprios costumes e convivendo com os aprendidos no lugar de chegada.

A impossibilidade de um pertencimento único conduz ao questionamento do conceito de identidade. No contexto de *deslocamento*, as identidades modernas já não podem ser concebidas como algo estabelecido e estável. Elas “estão sendo ‘descentradas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas” (HALL, 2006, p. 08), já que os contatos culturais pluralizam tanto as identidades individuais quanto as culturais. Assim, a identidade descentralizada é inerente às sociedades pós (que incluem a modernidade tardia, a pós-modernidade e a globalização), pois está em constante transformação à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam (HALL, 2006, p. 13). Desse modo, a individualidade do sujeito contemporâneo está sempre em formação, em um processo constante de questionamento às afiliações identitárias e culturais, como pode ser visto ao longo do romance *Quarenta Dias*. Em especial, a partir do momento em que Alice inicia a busca por Cícero Araújo, pois a procura por ele passa a ser uma negociação de subjetividades.

Portanto, o que a sociedade e a família esperem de Alice é o sujeito sociológico, aquela pessoa conformada com o seu papel social de avó, aposentada, idosa subserviente. E a luta de Alice para se libertar desse lugar pré-estabelecido e aventurar-se na descoberta de si mesma, de modo relacional, com a cidade e com o outro é que leva a história adiante.

O sujeito assume personalidades diversas em diferentes momentos, que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que é possível substituir muitas vezes a ideia de uma “identidade” por “identificações”, continuamente deslocadas:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13)

Assim sendo, espaço e identidade são conceitos imbricados na experiência dos sujeitos em trânsito da contemporaneidade. Como consequência, em várias narrativas contemporâneas figuram personagens em constante movência, desterritorializados, conscientes de que o pertencimento é algo temporário e a identidade um conceito em transformação e, portanto, negociável. São personagens como Alice que se caracterizam por uma busca constante a fim de se redefinirem, ou de (re)inventarem as suas próprias histórias, uma vez que em situações como a de Alice, as identificações tornam-se múltiplas e estão em constante mudança.

No mundo globalizado do século XXI, por todas as facilidades que o ser humano encontra para mover-se, o deslocamento para os grandes centros urbanos se sobrepõe sobre os demais tipos de movência e cria uma nova cartografia do espaço social. Contudo, é válido salientar que nem sempre os deslocamentos para os grandes centros são benéficos, já que, na maioria das vezes, são por motivos alheios ao desejo do sujeito. Nesses contextos, ao mesmo tempo que o sujeito irá se encontrar com uma nova cultura e com uma língua que pode ser diferente sua, ele também pode enfrentar a solidão, dificuldades financeiras e outros problemas oriundos dessa nova realidade. Para García Canclini (2008, p. 309 e ss.), essa nova cartografia está marcada pelas tensões entre dois processos: desterritorialização e reterritorialização. Não que ele seja uma prática humana específica desse período, porém, os processos migrantes contemporâneos produzem elementos culturais próprios que os distanciam dos movimentos anteriores. E, no caso de *Quarenta Dias*, esses processos de desterritorialização e reterritorialização são amplamente reconhecidos quando a personagem principal sai de sua cidade natal, João Pessoa, e vai em direção a Porto Alegre, sendo apresentada a uma nova cartografia do espaço social, que pouco tem a ver com o seu espaço de origem ou com o imaginário sobre a cidade, por mais que Alice tente compará-las ao longo da obra.

Toro (2010) explica essa diferença ao afirmar que a modernidade produziu deslocamentos em que a cultura de destino tentava apagar, por processos de assimilação, as diferenças entre a cultura local e a do migrante. O objetivo era

assimilar a outridade, homogeneizar as diferenças, negando ao outro tanto a sua cultura quanto a sua língua que deveriam se adaptar aos padrões da cultura dominante local. Com isso, preservava-se a identidade nacional que não podia ser maculada com a presença da diferença. Prevalencia a ideia da identidade com uma raiz única: a do local de destino. O objetivo dessa prática era a de territorializar o Outro.

Contudo, esse processo se perde no momento atual, – que Toro (2010) denomina como pós-modernidade. Para o teórico, a pós-Modernidade produz migrações, exílios, diásporas, enfim, deslocamentos em que o global e o local se interseccionam. O movimento de desterritorialização é seguido agora pelo da reterritorialização, pois não há mais a supremacia da cultura do local de origem sobre a do destino. Nesse processo de desterritorialização, há a ruptura de vínculos oriunda da perda do território, do afastamento do local de origem, mas não ocasiona a perda do controle das territorialidades pessoais e/ou coletivas.

O sujeito, em constante movimento, adapta-se culturalmente aos novos territórios de chegada, sem uma total assimilação. A palavra-chave agora é adaptação e não mais assimilação. E, durante o romance, a questão da adaptação se mostra presente, pois Alice já se familiariza com as gírias e costumes locais e com o vocabulário específico da região, que é diferente da sua origem, além de estabelecer vínculos comunitários que visavam buscar um contato de igual para igual com os que, até então, eram desconhecidos dela, mas *brasileirinhos* como ela. Tal termo é apresentado na obra como uma forma de identificar a origem das pessoas e, nesse caso, *brasileirinhos* são as pessoas que migraram do Nordeste para o Sul na tentativa de uma vida melhor – no caso de Alice, uma vida melhor para estar ao lado da filha. Há momentos em que o termo parece ter um sentido pejorativo, mas há outros em que parece uma forma de afeto, de carinho por parte do que têm sentimentos semelhantes aos de Alice, como é o caso da primeira vez que o termo aparece no romance:

Dona Alice, estou mandando aí pra senhora uma diarista que, essa sim, a senhora vai gostar demais e tenho certeza de que ela vai ter tempo e querer lhe servir, vão se dar bem, que ela é *brasileirinha*, assim como a senhora. Agradei e fiquei ali parada com o interfone na mão, esquecida de desligar, intrigada com aquilo, *brasileirinha* feito a senhora? que conversa era aquela? Bateram à porta da cozinha, abri e entendi na hora, porque diante de mim estava uma mulata bonita, cheia de corpo, com um sorriso aberto ... aquela ali também vinha de bem pra lá do Trópico de Capricórnio,

brasileirinha feito eu! Milena era da Bahia (REZENDE, 2014, p. 66)

Assim, se na modernidade prevalecia as identificações imóveis, fixas, permanentes, sólidas e inquestionáveis, na pós-Modernidade, elas estão abertas ao diverso que contém a relação de movimento, rejeitando a ideia de uma identificação de origem única. O Outro não se incorpora à nova cultura, mas ressignifica-a, criando novos hibridismos. As heterogeneidades se mantêm e esse reconhecimento da não homogeneização étnica e cultural das sociedades contemporâneas é, segundo Toro, o próprio multiculturalismo. Tal multiculturalismo se mostra presente em *Quarenta dias*, principalmente ao considerar o processo de ressignificação vivido pela personagem ao longo do romance, na tentativa de encontrar as múltiplas personalidades de Alice.

Muitas obras mostram que a cidade contemporânea é baseada na desigualdade, assim como na modernidade, e em *Quarenta dias* essa desigualdade se mostra presente em diferentes momentos. Assim, na Porto Alegre dos gaúchos há espaço para todos, embora não de forma igualitária, para os *brasileirinhos* nordestinos como Alice e seus conhecidos e para estrangeiros também, como é o caso de Arturo, um argentino que foi tentar uma vida melhor na capital gaúcha e passou a viver nas ruas. É válido lembrar que, ainda que houvesse espaço, ele não seria igualitário, pois há sempre um centro e a margem, e pessoas como Alice, simplesmente por sofrerem preconceitos por serem nordestinos, geralmente ocupam os espaços da margem. Foi a partir desses preconceitos enraizados na sociedade, a partir do olhar do outro que a identidade “brasileirinha” de Alice é construída no romance, já que a foi por meio da primeira diarista que não queria trabalhar para Alice e seu posterior encontro com Milena e suas semelhanças a partir das relações regionais e culturais em território “estrangeiro” que a protagonista se reconheceu como *brasileirinha*.

As constantes reformulações e negociações identitárias que afloram dos sujeitos transitórios, migrantes conduzem ao conceito de hibridismo cultural difundido pelo teórico argentino Néstor García Canclini. Segundo o autor (2008, p. 19), o termo auxilia na identificação e na explicação dos “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existam de forma separada, combinam-se para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Para ele (2008, p. 309), o continente latino-americano deve ser considerado o local, por excelência,

desse hibridismo cultural, já que há séculos é um espaço de imigração e migração encadeado por diversos motivos. E, se pensarmos, de forma específica, no Brasil contemporâneo, como é o caso apresentado na obra, também é possível reconhecer que é um espaço de hibridismo cultural muito rico, pois é um país de tamanho continental que possui diferentes fluxos migratórios internos, fazendo com que as inúmeras culturas e costumes existentes aqui se choquem a todo tempo.

No romance, há muitos momentos em que a personagem se choca com a cultura alheia, principalmente em contato com costumes e variantes de linguagem, como, quando Alice descobre o nome pelo qual os gaúchos chamam o pão francês, quando ela percebe que, no Sul, a expressão “um bocadinho” seria um sinônimo da expressão “um tiquinho” e também sobre as diferenças gastronômicas entre sua origem e seu destino, como em

Nem sei quantos cafés ralos engoli, Pra te animar, vai, bebe!, nem sei quantas cuias de chimarrão recusei, Não sou daqui, não, sou da Paraíba, na minha terra não é costume, cheguei há pouco, ainda não aprendi a tomar, Mas logo acostuma que um amargo é coisa boa demais, bom pra saúde, pro estomago, pra tudo! . (REZENDE, 2014, p. 117)

Então, inacreditável!, o homem que ali atendia me lançou gratuitamente uma ofensa safada: Está com fome?, quer um cacetinho? Fiquei estatelada: Como?, por mais que eu pudesse lhe parecer desprezível, nada explicava uma grosseria daquela. Fiquei parada, indignada, procurando uma resposta à altura,[...] Ele me olhando com a cara mais lisa deste mundo, como se aquilo fosse normal [...] Ainda custei um pouco a entender que o tal do cacetinho não era senão o nosso pão francês, o pão aguado, o papo-seco da minha avó. Não sabia se ria ou se chorava, imaginando a confusão que eu ia aprontar se tivesse tido tempo de reagir, (REZENDE, 2014, p. 160)

O café com leite estava branco demais pra meu gosto, pedi Pode me pôr mais um tiquinho de café? Ele sorriu de lado, perguntou, Tu não é daqui do Rio Grande, né?, confirmei, já acostumada à inevitável pergunta, Sou da Paraíba, e ele: Então não sabe... quando quiser peça um pouquinho ou um bocadinho que fica melhor do que essa palavra que tu disse, aqui é outra coisa, não fica bem (REZENDE, 2014, p. 178)

A pensadora indiana e feminista Gayatri C. Spivak (1996 apud ALMEIDA, 2010, p. 13) acrescenta outro elemento diferenciador entre os deslocamentos anteriores da modernidade e os atuais da contemporaneidade: a presença maciça do sujeito feminino, sua participação e seu papel na sociedade. A essa diferença a autora denomina de nova diáspora contemporânea. Para ela, o papel da mulher como sujeito ativo é fundamental nos deslocamentos pós-modernos. Argumenta que não há como analisar a diáspora contemporânea sem compreender que a mulher se torna o foco de interesse das sociedades e é incorporada como parte integrante da

sociedade civil. A autora ressalta, assim, o caráter gendrado dessa nova diáspora. A estudiosa vê a mulher contemporânea como sujeito participativo da sociedade, cuja intervenção no social gera novos significados para os contatos culturais, que, por sua vez, redirecionam a análise do sujeito feminino e dos lugares de onde ele fala. Assim, ainda que o contexto de Alice não se configure como uma diáspora, é interessante examinar o processo que ela está passando. Alice ser uma personagem de meia-idade acaba sendo um recorte importante de pesquisa, ainda que ela não seja um sujeito diaspórico, mas sim migrante.

Gayatri Spivak em *Quem reivindica a alteridade?* (1994) apresenta a singularidade e a solidão da mulher subalterna, que não tem voz e que se encontra deslocada socialmente, já que “separada do centro do feminismo, essa figura, a figura da mulher na classe subalterna, é singular e solitária” (p. 191). Seria então Alice uma mulher subalterna?

Dessa forma, as sociedades contemporâneas e suas respectivas literaturas abarcam as novas contingências políticas, culturais e geopolíticas de um mundo global e cosmopolita no qual a migração; a desterritorialização e reterritorialização e o hibridismo cultural são marcas predominantes e cada vez mais comuns nas literaturas.

Se antes as migrações e as viagens eram realizadas, principalmente, por homens, hoje são também feitas pelas mulheres, independentes de suas classes sociais, que ganharam destaques nesses movimentos pelos papéis que desempenham e pelas participações cada vez mais crescentes e necessárias nas sociedades, sendo Alice um exemplo disso, de uma mulher aposentada de meia-idade que deixa sua cidade natal sob pressão de sua filha para auxiliá-la em sua possível gestação. Spivak acrescenta que a presença da mulher tanto nos movimentos migratórios quanto nas narrativas diaspóricas cria novas significações aos contatos culturais, ao estabelecer um diálogo permanente com as questões de raça, etnia, classe e também de idade, temas que são tratados ao longo da obra.

Em referência à idade, ponto significativo do romance *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende, também é importante analisar a questão de cobrança de responsabilidades e de estereótipos de mulheres mais velhas, já que “ao lado do sentimento de responsabilidade, é inculcado na pessoa de meia idade (sic) o sentimento de culpabilidade” (HADDAD, 1986, p. 93) e também de uma redução de importância, de papéis que os idosos, infelizmente, passam a ocupar, como a

própria Alice aponta no romance, ao dizer “Em resumo, o certo para ela era que eu, afinal, já tinha chegado ao fim da minha vida própria, agora o que me restava era reduzir-me a avó” (REZENDE, 2014, p. 26). A própria personagem se sente culpada, de certa forma, por passar pelas situações vivida desde a sua mudança para Porto Alegre até os dias de andanças vividos por lá.

Heloísa Buarque de Hollanda (2005) também compartilha dessa visão ao analisar a mulher contemporânea como sujeito participativo de nossa sociedade globalizada e multicultural. Como Spivak, Hollanda assegura que a intervenção da mulher nas sociedades contemporâneas gera novos significados para os contatos culturais que, por sua vez, redirecionam a análise do sujeito feminino e de seus lugares de enunciação. Assim, como afirma Hollanda, o contexto atual exige “a necessidade de repensar a ideia da singularidade da diferença num contexto globalizado” (HOLLANDA, 2005, p. 8). Por tais motivos, cada vez mais as personagens das narrativas produzidas pelas escritoras nessas sociedades, e aí incluímos Maria Valéria Rezende, são sujeitos femininos migrantes em permanente deslocamentos externos e internos, e conseqüentemente, em constante estado de renegociação identitária, pois são identidades culturais "em transição ... que retiram seus recursos, ao mesmo tempo; de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado" (HALL, 2006, p. 88).

Sob os efeitos dessas novas contingências culturais, a narrativa analisada em nossa pesquisa retrata uma personagem em deslocamento forçado, obrigada a renegociar sua identidade e subjetividade em um espaço fortemente racializado e elitista. Por isso, nas últimas décadas, vários escritores situam suas narrativas na cidade cosmopolita e os conflitos identitários decorrentes das subjetividades migrantes, exiladas e nômades como tema principal, enfocando a relação entre espaço e construção identitária. Este é o caso de *Quarenta Dias*, em que Norinha praticamente pressiona e exige que sua mãe deixe toda a sua vida em João Pessoa para ajudá-la com a criação do neto em um contexto que isso sequer acontece, pois assim que Alice chega ao Sul, Norinha avisa à mãe que irá passar um tempo na França por conta de projetos pessoais do seu marido.

As personagens das narrativas desses escritores habitam os entre-lugares provenientes dos espaços de movência, em um processo constante de

desenraizamento. O conceito de entre-lugar¹, na visão de Hanciau (2005, p. 126), torna-se importante para reconfigurar, no mundo contemporâneo, os espaços criados pelo descentramento. Os procedimentos de deslocamento, de nomadismo desarticulam o sujeito, que não conhece mais o seu lugar no mundo, de forma a perder um pouco de si e de sua memória. Ele está situado entre dois mundos, entre duas culturas e duas definições de identidades. Esses espaços sociais conformam as “zonas de conflito” (PRATT, 1999), nas quais as culturas díspares se encontram, se chocam e se entrelaçam em relações assimétricas de dominação e subordinação, principalmente no que tange as minorias, como o caso das mulheres e dos idosos. A sensação de não-pertencimento de Alice em Porto Alegre e o seu olhar subjetivo sobre as fronteiras e limites que segregam os sujeitos integrantes dos entrelugares presentes na história acaba sendo o impulso para a personagem explorar a questão das “zonas de conflito”. Com isso, experimentam identidades móveis, híbridas e traduzidas, já que os espaços de transições requerem que o sujeito se remodele, por meio de (re)negociações identitárias contínuas.

É importante mencionar que a produção literária na contemporaneidade tem assumidos novos traços representativos e evidenciado ressignificações e representações de valores que até então estavam restritos a determinados grupos, fazendo com que alguns estereótipos e preconceitos fossem revistos de forma a abrir caminhos para que os grupos marginalizados, “entendidos em sentido amplo, como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante” (DALCASTAGNÈ, 2007, p.20), na literatura contemporânea pudessem conquistar seus espaços de autorrepresentação nas narrativas:

Por isso, cada vez mais, os estudos literários (e o próprio fazer literário) se preocupam com os problemas ligados ao acesso à voz e à representação dos múltiplos grupos sociais. Ou seja, eles se tornam mais conscientes das dificuldades associadas ao lugar da fala: quem fala e em nome de quem (DALCASTAGNÈ, 2007, p.20).

Dessa forma, a literatura atual é pautada, na grande maioria dos casos, pela expressão do próprio sujeito e de seu discurso, de forma que o leitor consegue

¹ No Brasil, quem criou o conceito de “entre-lugar” foi Silviano Santiago no ensaio “O entre-lugar no discurso latino-americano” (1971). Tal conceito busca demarcar a necessidades de novas interpretações das relações humanas existentes nas regiões periféricas do mundo, principalmente no que tange o sentido de pertencimento e não pertencimento das pessoas em relações a esses locais.

perceber a construção da narrativa a partir de um olhar marginal, em que muitas vezes há um “protagonismo marginal”, possibilitando que o leitor possa se reconhecer em algum personagem. Esse protagonismo marginal é perceptível na figura de Alice, que passa por um processo de (re)construção de sua subjetividade e identidade ao longo do romance. Outro caráter importante da obra, relacionado à produção literária na contemporaneidade, é o cunho memorialista e “confidencial” do romance, observado por meio dos diversos escritos cotidianos expressando a rotina vivida por Alice, e a forma pela qual ela passa a organizar suas memórias. Maria Valéria Rezende também insere na obra imagens de notas fiscais, folhetos, comandas de restaurantes, cartões de visita referentes às memórias de Alice ao longo de “quarenta dias de andanças ao léu” (REZENDE, 2014, p. 45). Tal recurso mostra a versatilidade entre o verbal e as imagens presentes na trama, por meio da cronologia escolhida para a apresentação dos fatos acontecidos ao longo dos quarenta dias, pelo uso da terceira pessoa para falar de si mesma e pelos monólogos existentes na narrativa, como no fragmento abaixo:

Ufa! Cansei você, não foi, Barbie? “Sorry”. Estou cansada também, mas embalei na escrita e vejo que minha letra começa a recuperar um traço mais regular. Vou me acalmando desse jeito. Foi bom botar pra fora essa coisa toda, dizer claramente pra mim mesma o que tinha vergonha de dizer a qualquer pessoa, vergonha de dizer o que minha filha fez comigo? Ou da minha raiva, do meu próprio egoísmo, é egoísmo querer ter minha própria vida? (REZENDE, 2014, p.42)

O fragmento acima aponta um monólogo existente na obra, mas também apresenta a metalinguagem. Essa linguagem possui um papel fundamental na constituição da subjetividade e da singularidade de Alice ao longo da trama, já que a personagem encontra na própria escrita em seu caderno/diário uma forma de registrar a busca pela sua identidade nesse contexto de tantas restrições, da construção da sua subjetividade, um pretexto para amenizar a solidão, a dura realidade na qual ela foi inserida por Norinha: “[...] parece que a rotina de escrever é o que agora está mesmo me fazendo bem” (REZENDE, 2014, p. 63). Para Alice, escrever era uma forma de dar sentido ao caos que tomou sua vida ao ir para o desconhecido, foi uma forma de não se sentir tão abandonada e inútil, pois são nas páginas de seu caderno/diário que Alice deposita suas angústias, medos, decepções, conflitos, arrependimentos e vivências passadas ao longo desse tempo. Foi na escrita diarística que Alice foi encontrando um prazer em meio ao sentimento

de abandono que a personagem vivia em Porto Alegre.

Escrever era uma forma de registrar, de exercitar a memória e reconstruir toda a experiência vivida em palavras, era uma forma de relatar o cotidiano, já que a personagem não tinha com quem conversar além de Barbie, sua interlocutora fiel, que tinha certas semelhanças com Alice como, por exemplo, serem “mudas”, idosas, e aceitarem seus papéis diante da imposição da sociedade, fatos esses que serão problematizados em um capítulo posterior. É válido lembrar que essa escrita cotidiana, diarística apresenta ao leitor apenas um lado da história, em que Alice se coloca como vítima da manipulação de Nora, de modo que o leitor, ao contrário de Barbie, não precisa ficar mudo, sendo capaz de argumentar e refletir sobre a situação vivida pela protagonista. Afinal, Alice realmente seria a vítima de toda a história?

A escrita conferia à Alice poder e resistência, já que a história nos mostra que as mulheres sempre foram proibidas/ impedidas de ler e escrever. É o que Virgínia Woolf aponta sobre a mulher no ensaio *Um teto todo seu*, de 1929:

Na imaginação, ela é da mais alta importância; em termos práticos, é completamente insignificante. Ela atravessa a poesia de uma ponta à outra; por pouco está ausente da história. Ela domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na vida real, era escrava de qualquer rapazola cujos pais lhe enfiassem uma aliança no dedo. Algumas das mais inspiradas palavras, alguns dos mais profundos pensamentos saem-lhe dos lábios na literatura; na vida real, mal sabia ler, quase não conseguia soletrar e era propriedade do marido (WOOLF, 2019, p. 49).

Ao longo do romance, é possível perceber a falta de pontuação em muitos momentos, o que torna uma leitura mais próxima da realidade de muitos grupos sociais, de modo que seja uma escrita e uma leitura com um caráter mais verossímil, sendo possível perceber um tom mais dinâmico e dramático. Essa pontuação “desordenada” também é uma forma de Alice lidar com a necessidade de expressão e pode ser vista no fragmento:

E aqui estou vomitando nestas páginas amareladas os primeiros garranchos com que vou enchê-las até botar tudo pra fora e esconjurar toda essa gente que tomou conta de mim e grita e anda pra lá e pra cá e chora e xinga e gargalha e geme e mija e sorri e caga e fede e canta e arenga e escarra e fala e fode e fala e vende e fala e sangra e se vende e sonha e morre e ressuscita sem parar. (REZENDE, 2014, p. 14).

A escolha de Alice de escrever suas experiências recentes e o próprio processo de escrita faz parte da estratégia da autora para tratar as questões

envolvendo as consequências do deslocamento de Alice, de modo que a memória e a (re)construção da identidade caminham juntas. Neste sentido, a literatura pode ser entendida como uma fonte de materialidade da memória. No romance, a memória está muito presente na temática da cidade, de modos que essas memórias específicas e locais reforçam a ideia da alteridade da obra, contribuindo para a construção da identidade, que é dada a partir da síntese do passado e da reflexão do presente no âmbito da rememoração.

As memórias apresentadas por Alice ao longo do romance são fortemente marcadas por perdas. Seja pelo marido desaparecido durante a ditadura civil-militar, seja a perda do contato diário com a filha durante a graduação e quando Alice deixa tudo o que conquistou ao longo da vida em João Pessoa para acompanhar as vontades da filha em Porto Alegre. Todas as memórias estão atreladas a algo não positivo, de modo que traz incômodos e tristezas, que acabam influenciando no processo de vivências da personagem. Como aponta Ecléa Bosi no livro *Memória e sociedade* (1994):

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente de seu grupo: nesse momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. (BOSI, 1994, p. 63)

O título do romance tem uma importância significativa para o desenvolver da história, visto que Alice passou quarenta dias vagando pela cidade de Porto Alegre, em especial pelas periferias, na busca por Cícero. Nesses quarenta dias Alice experimentou um mundo muito diferente do qual ela estava acostumada na Paraíba, vivenciando diversas experiências e realidades na descoberta de um cotidiano até então desconhecido, com pessoas em situação de miséria, abandono, violência e dependência financeira, emocional, etc. Os acontecimentos e as memórias registradas desses quarenta dias vividos por Alice podem servir para uma reflexão do Brasil e do que o nosso país precisa melhorar em termos de solidariedade e mudanças políticas, de modo que os leitores reconheçam que existem diversas Alices e Cíceros ao seu redor. É importante recordar que 40 dias também é uma referência bíblica, que foram os 40 dias de provação que Jesus Cristo passou no deserto, onde jejuou durante todos os dias de modo que ele mostrasse sua solidariedade para com os que passam fome e também como uma forma de

esvaziamento total da sua pessoa. Assim, tal como Jesus Cristo fazia uma busca por si mesmo, Alice possivelmente foi em busca do mesmo durante os seus quarenta dias vagando pela cidade, até então, desconhecida para ela. Essa alusão do título da obra ao que Jesus Cristo passou durante os quarentas dias de caminhada, jejum, meditações e provações passadas no deserto nos leva ao questionamento: Como Alice saiu desses quarenta dias de andanças? Purificada? Resiliente? Tais questionamentos nos levam a refletir sobre os caminhos que foram seguidos após essas caminhadas por quarenta dias, cada um a sua maneira.

Quarenta dias ainda vale-se da intertextualidade com *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, que será comentada no capítulo 3, de modo que ambas as Alices realizam uma viagem a mundos desconhecidos para elas, distantes de suas realidades cotidianas. Tornam-se capazes de desbravar novos espaços, não esquecendo suas devidas origens e tornando-se aptas a olhar de forma comparativa para diferentes realidades, enquanto adquirem oportunidades únicas de autoconhecimento. É curioso pensar que a Alice de *Quarenta dias* também tem uma “vilã”, que seria a Norinha, uma espécie de Rainha Má. Alice foi para Porto Alegre em busca de um “país das maravilhas”, como seus conterrâneos viam a capital gaúcha. Essa aproximação entre as Alices pode ser vista no fragmento “Cheguei a rir por dentro da ironia, lembrando-me das aventuras de minha xará, imaginando se aquilo era uma mensagem pra mim. Quem seria a Rainha desse jogo em que eu estava metida?” (REZENDE, 2014, p. 41).

Além de Norinha sendo uma espécie de Rainha Má, é possível associar o Chapeleiro Maluco da história de Lewis Carroll ao personagem do Arturo, principalmente por conta de sua inteligência e personalidade. Há também a questão de Alice, de *Quarenta dias*, ser considerada uma das peças do jogo de Norinha, a vilã de toda a história. O coelho, na obra de Carroll, apresenta a questão da angústia ao ver o tempo passar e também é uma espécie de enigma da história, pontos que também são reconhecidos no romance de Maria Valéria Rezende, em que o enigma seria a busca por Cícero e a angústia pela passagem do tempo sendo relacionada aos caminharas de Alice. Por fim, é possível comparar as personalidades das duas Alices, já que ambas estão buscando suas próprias identidades e, em diferentes momentos, duvidam de quem realmente são.

O romance protagonizado por Alice apresenta metáforas em diversos momentos, sendo muito importante ao tratar a busca por Cícero Araújo como sendo

uma busca de Alice por sua própria identidade, e, o suspense que o final do livro apresenta acaba sendo uma forma de validar que Alice, de fato, não conseguiu encontrar a si mesma, já que a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2006, p. 13). Essa simbologia do sujeito em constante processo de (re)construção e ressignificação é retratada por Alice na obra, sendo um sujeito contemporâneo, capaz de produzir seus próprios discursos e responsável por suas relações sociais para com o próximo.

1.3 A influência contemporânea nos cruzamentos temáticos presentes na obra

A produção literária contemporânea nacional das últimas décadas, situada em contextos de constantes transformações políticas, sociais, econômicas e culturais vem ganhando espaço na crítica literária, proporcionando reflexões de temáticas não usuais, principalmente as relacionadas aos grupos mais marginalizados e minoritários, que frequentemente tinham suas vozes silenciadas. Nesse contexto, tais grupos passam a ter a oportunidade de expressarem o que desejam e defendem, a fim de mostrar que a literatura contemporânea é capaz de produzir uma multiplicidade de textos dos mais variados gêneros, abordando temáticas sociais, políticas e subjetivas.

O crítico Karl Erik Schøllhammer em *Ficção Brasileira Contemporânea* (2009), ao abordar a produção da ficção brasileira nas últimas décadas, afirma que há um deslocamento de perspectivas. Tal deslocamento é responsável pela heterogeneidade dos textos e por novas estratégias, tais como a apresentação de diários e memórias e a necessidade de tratar da história da sociedade atual e do modo como o ser humano se insere nela, pontos que estão presentes no romance de Maria Valéria Rezende.

Josefina Ludmer, teórica argentina, também reflete sobre os limites de ficção e realidade na literatura latino-americana, de modo a falar de um caráter de “escritas ou literaturas pós-autônomas” (LUDMER, 2013, p. 128) que leva ao apagamento dos limites entre ficção e realidade. Quando há essa mistura entre as duas instâncias, os textos são vistos a partir de uma perspectiva diferente, em que os pequenos detalhes não passam despercebidos, como é o caso das epígrafes no início de

cada capítulo de *Quarenta dias*, que já introduziam as temáticas principais de cada capítulo, como podemos ver abaixo:

Não pergunte por que lhe escrevo. Escrevo porque as palavras estão aí, como a cidade, a noite, a chuva, o rio, diante de mim, dentro de mim, uma torrente de palavras que não me cumprem.

Marília Arnaud

(REZENDE, 2014, p. 7)

... somos sempre diferentes todos os dias, estamos sempre a crescer e a saber cada vez mais, mesmo quando percebemos que aquilo em que acreditávamos não era certo e nos parece que voltamos atrás. Nunca voltamos atrás. Não se pode voltar atrás...

José Luís Peixoto

(REZENDE, 2014, p. 17)

Eu teria voltado para casa, se soubesse onde ficava. Mas como eu não tinha mais certeza sobre coisa nenhuma, resolvi ficar parado no mesmo lugar para ver se minha casa acabava me encontrando.

Daniel Pellizzari

(REZENDE, 2014, p. 37)

... tão de repente que Alice nem teve tempo de tentar parar antes de despençar no que parecia ser um poço muito fundo.

Lewis Carroll

(REZENDE, 2014, p. 73)

Era mais fácil lidar com a falta de sentido do que com a falta de objetivo, então em vez de mentiras eu agora invento objetivos na cidade.

Herta Müller

(REZENDE, 2014, p. 143)

Uma praça encardida pode muito bem virar imagens de museu pra alguns apreciarem em exposições e terem sensações de alívio por tudo aquilo se passar com outros.

Arlindo Gonçalves

(REZENDE, 2014, p. 191)

As epígrafes que introduzem os capítulos servem mais do que textos curtos que visam apresentar o assunto do capítulo. No romance de Rezende, elas apresentam algo em comum: a escrita, a cidade e o sujeito. Seja por meio de metáforas, por descrições, por falas, por referências intertextuais. Além disso, é

interessante pensar em quem insere essas epígrafes no livro, se foi Alice em suas escritas ou se foi a própria autora ao desenvolver sua obra.

Desse modo, pode-se considerar que o espaço encontrado na narrativa contemporânea permite que denúncias sejam feitas e que o cenário seja um elemento importante para o desenrolar da trama. É comum que as grandes metrópoles sejam apresentadas, de forma a retratar as singularidades locais, as diferentes realidades vividas ali e um sujeito social comumente fragmentado, como aponta Melo (2010, p. 171): “O indivíduo, no interior das grandes cidades, passa a ser redimensionado não apenas como corpo físico, mas linguístico e virtual”, de modo a ser um sujeito plural e polissêmico em meio as suas subjetividades. Em *Quarenta dias*, Alice é um exemplo desse sujeito, que perpassa diferentes espaços no decorrer de seu caminhar ao longo da narrativa, seja buscando por alguém ou buscando por si mesma.

As situações pelas quais a protagonista do romance passa faz com que ela a todo momento esteja descobrindo algo que se abriu diante da experiência de uma nova vida, ora resultante de alguns conflitos, ora de uma aceitação. Na tentativa de fazer dessa vida uma prática de autoconhecimento, Alice sai em busca de novas vivências.

Com isso e como mencionado anteriormente, o romance de Maria Valéria Rezende apresenta uma constante busca pela identidade e pela subjetividade da personagem, principalmente ao considerarmos fatores que interferem nessa busca, como é o caso da solidão, da origem nordestina, do gênero e da idade. Assim, nesse contexto de uma personagem marginalizada, o importante não é apenas trocar as posições e reconhecer os padrões da sociedade, mas sim despertar uma consciência estética, política e social das questões apresentadas por uma mulher idosa, aposentada e nordestina.

A literatura brasileira contemporânea oferece espaço para que mulheres como Alice possam ser protagonistas de suas próprias histórias, que sejam capazes de construir suas próprias narrativas, buscando sua identidade, tentando desvencilhar-se dos estereótipos duramente relacionados a elas, lutando por espaços que nunca foram destinados a elas, de forma a apresentar reflexões e questões importantes aos leitores e à sociedade, de modo geral.

No romance é notório como o tom memorialista se mescla com o agrupamento de escritos cotidianos, poemas e folhetos recolhidos ao longo da

peregrinação de Alice, a fim de tentar dar forma ao vivido: “minhas ideias ordenando-se, eu lhe contando tudo mais ou menos com começo, meio e fim, ou fim, meio, começo” (REZENDE, 2014, p. 24). Essa narração é oriunda de lembranças e repleta de diálogos da personagem com si mesma, conforme mencionado anteriormente, de forma a comprovar que o romance “assume, em sua multiplicidade de formas, novos modos de compreensão da escrita e da leitura, que ora rompem, ora dialogam com a tradição” (MELO, 2010, p.12).

Ao recolher os folhetos, panfletos, cartões, notas fiscais, recortes de jornais e os demais papéis por suas andanças, Alice os apresenta ao longo do romance de maneira a possuir uma mínima relação, ainda que de contraste, a alguma situação vivia pela personagem. Como é o caso da figura abaixo que apresenta um anúncio de um restaurante de comida italiana com diversas opções de pratos. Alice, enquanto caminhante das ruas, não teria condições de escolher o que comer, pois, ao longo do romance, a professora aposentada precisa escolher o que vai comer pelo preço, e não pelo que ela realmente gostaria de comer.

Figura 1 – Anúncio de uma restaurante de comida italiana



Fonte: REZENDE, 2014, p. 15.

Com a comanda da lanchonete apresentada na figura 2, já é possível encontrar uma realidade mais próxima do que Alice vivia nas ruas. E, inclusive, há

passagens no livro que narram pedidos de lanches rápidos feitos pela personagem ao longo dos seus caminhares pela cidade.

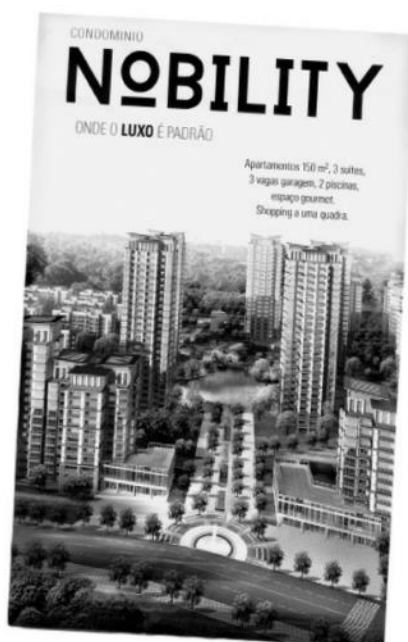
Figura 2 – Comanda de lanchonete

QUANT.	DISCRIMINAÇÃO	VALOR R\$
	• REFEIÇÕES	
	•	
	• CERVEJA	
	• CHOPP	
1	• REFRIGERANTE	3,50
	• SUCO	
	• ÁGUA	
	• DOSE	
	• CAFÉ	
2	• PORÇÃO	7,00
	• SALGADO	
	• SOBREMESA	
	•	
	•	
	• P/ VIAGEM	10,50
	TOTAL R\$ →	

Fonte: REZENDE, 2014, p. 57.

Há o anúncio de um empreendimento imobiliário, apresentado na figura 3, que ora pode ser visto como um contraste à situação de rua vivida por Alice, ora pode ser o anúncio de apartamentos semelhantes aos que a filha da protagonista decorou para que ela vivesse lá.

Figura 3 – Anúncio de empreendimento imobiliário



Fonte: REZENDE, 2014, p. 43.

Um anúncio que chama a atenção, é o da cachorrinha Madonna, “da raça poodle toy, branca, com flor adesiva cor púrpura na testa” que fugiu de casa e sua dona está inconsolável. O anúncio presente remete, de meio irônico, ao tema do desaparecimento abordado na obra, associando a procura por Madonna à procura por Cícero.

Figura 4 – Procura-se Madonna, cachorrinha desaparecida



Fonte: REZENDE, 2014, p. 89.

Nesses fragmentos relacionados ao cotidiano de Alice, que também podem ser vistos como a fragmentação da vida da personagem, os vestígios recolhidos da cidade ao longo das suas andanças são capazes de configurar outras histórias. Quem perdeu a cachorrinha Madonna? Que vai morar nesse prédio luxuoso? Quem também vai lanchar um refrigerante e dois salgados? Quem pode comer comida italiana?

A partir destes fragmentos capazes de configurar tantas outras histórias, pode-se afirmar, segundo Renato Cordeiro Gomes (1994), que as cidades são fragmentadas, enigmáticas, labirínticas, de modo que percorrê-las em busca de identificação ao longo dos seus cruzamentos discursivos é como percorrer um labirinto. Nesse sentido, não encontrar a saída é uma forma de fazer com que o caminhante e a cidade continuem a produzir seus próprios textos.

A literatura contemporânea possibilita que muito se questione sobre a sociedade, que respostas sejam encontradas e que questões interiores e exteriores sejam mostradas ao mundo. A própria Alice, protagonista de *Quarenta dias*, vive um constante conflito consigo mesma em relação às novas experiências e vivências em Porto Alegre, encontrando na escrita uma fuga da realidade, de modo que: “a rotina

de escrever é que agora está mesmo me fazendo bem” (REZENDE, 2014, p. 63).

Em *Quarenta dias*, as marcas de literatura contemporânea são evidentes, a começar pela temática que visa problematizar questões vividas por pessoas comuns, pelo espaço urbano, pela violência presente nos grandes centros e pela escrita desordenada e fragmentada, com muitos diálogos da protagonista consigo mesma, diferentes gêneros textuais, falta de pontuação e a forte presença da associação entre a linguagem verbal e não-verbal. Angela Maria Pelizer de Arruda em seu artigo *Cultura e literatura contemporâneas: algumas abordagens do pós-moderno*, afirma que:

Essa descontinuidade é feita pela hibridização de gênero, pela mistura de texto literário e não literário, pela ruptura inesperada da obra, pela mistura de materiais e recursos. Tudo isso é feito de maneira consciente pelo artista no intuito de apresentar o homem contemporâneo como ele é em seu cotidiano fragmentado e desconexo. (ARRUDA, 2012, p. 230).

A apresentação de Alice nesse contexto de personagem contemporânea torna o romance ainda mais verossímil, seja por aproximar as histórias dos personagens às experiências vivenciadas pelos mais diversos grupos sociais da realidade, seja por ambientar a narrativa em um lugar conhecido por muitos. Maria Valéria Rezende apresenta uma personagem marginalizada que expõe suas dores, angústias, medo, desejo de maneira dramática e única, a fim de mostrar que a literatura contemporânea pode libertar seus personagens e torná-los um pouco de cada um de seus leitores.

2 OS DESLOCAMENTOS DE ALICE PELA CIDADE

2.1 Alice: representações e invisibilidade em seus deslocamentos

Ao longo do romance, o processo de desenraizamento e estranhamento no qual Alice está envolvida fica evidente, uma vez que a personagem cede aos apelos da filha e tem sua vida transformada ao sair da Paraíba em direção a Porto Alegre. Alice se orgulha da origem paraibana, gosta do lugar onde vive em João Pessoa e aproveita a aposentadoria tão merecida em sua terra natal até o momento em que a filha a convence da mudança para a capital gaúcha em virtude de uma possível gestação. Quando a personagem entende o real efeito dessa mudança em sua vida, a sua história e sua identidade já estão em segundo plano.

A forma como a mudança foi conduzida também foi um fator importante para o processo de invisibilidade da protagonista, já que a personagem teve quase todos os seus pertences que foram acumulados ao longo de uma vida colocados à venda por sua família em um brechó, a fim de conseguir fundos para auxiliar nos custos da mudança para Porto Alegre. Alice se viu pressionada a deixar seus objetos, seu lar e tudo o que fez parte de sua vida em João Pessoa, sendo obrigada a desvencilhar-se de quem ela era, de como ela vivia, perdendo assim a sua identidade. De um dia para o outro, a professora aposentada percebeu que toda a sua vida estava à venda por conta dos sonhos egoístas da filha, que pode ser visto em “bastou eu dizer sim e a Elizete assumiu o comando, totalmente teleguiada por Norinha, começando por botar etiquetas com preços em tudo o que havia dentro do apartamento, separar as minhas roupas que, segundo ela, já estavam indecentes” (REZENDE, 2014, p. 37). Elizete é uma amiga de Alice de longa data, que foi favorável à mudança da amiga para ajudar a filha, sem se importar muito com a opinião de Alice.

A personagem teve que deixar o que ela era e o que ela tinha para ser o que a filha queria que ela fosse, tirando de Alice toda a sua independência. Esse conflito identitário em torno do que lhe é imposto e sobre o que a personagem gostaria de ser envolve o leitor por toda a trama.

Os porteiros, as domésticas, os atendentes e os moradores das favelas são retratados no romance distantes do padrão sulista - geralmente composto por

peessoas loiras, autodeclaradas brancas e de ascendência europeia - e acabam se tornando o porto seguro de Alice por serem como ela, por serem *de lá*, do Nordeste. Em certo momento do romance, Alice está à procura de alguém para ajudá-la com as tarefas domésticas no apartamento e pede ajuda ao porteiro, que depois de indicar uma diarista que não quis o serviço, diz “Dona Alice, estou mandando aí para a senhora uma diarista que, essa sim, a senhora vai gostar demais e tenho certeza de que ela vai ter tempo e querer lhe servir, vão se dar bem, que ela é *brasileirinha*, assim como a senhora (REZENDE, 2014, p. 66).

A diarista era a Milena, mulher baiana, agradável e com a qual Alice se identificou, tornando-se uma companhia para a professora aposentada nos dias em que a diarista trabalhava para ela. As conversas entre as duas *brasileirinhas* faziam com que Alice se sentisse mais em casa, seja pelo sotaque nordestino, pela calma em contar sobre as respectivas vidas e pelo sentimento mútuo de saudade da terra natal.

Para Dalcastagnè (2003, p. 34), “[...] a literatura acompanhou a migração para as grandes cidades, representando de modo menos ou mais direto as dificuldades de adaptação, a perda dos referenciais e os problemas novos que foram surgindo com a desterritorialização”. Um dos aspectos abordados em *Quarenta dias* são os processos de migração, que se tornam ainda mais conturbados quando consideramos que a protagonista de tais processos é uma mulher considerada idosa e sem referências na nova cidade.

Os deslocamentos pelos espaços da narrativa – oriundos desses processos de migração - possibilitam à personagem um questionamento interno e uma percepção subjetiva já que se trata de uma personagem que está passando da maturidade para a velhice, evidenciando uma situação muito recorrente na contemporaneidade, que coloca as idosas numa posição de silenciamento e de apagamento de seus desejos e percursos.

A questão da migração do Nordeste para o Sul, aliada ao fato de Alice ser uma mulher idosa sozinha, a coloca em uma posição delicada em relação à margem, de modo a fazer com que a relação entre a protagonista e a nova cidade seja uma relação que vá além de explorar o espaço, mas sim de uma busca por si mesma fora dos papéis os quais ela costumava exercer perante a sociedade.

A posição marginalizada em que o personagem idoso em deslocamento se encontra é apresentada em diversos momentos da obra, desde quando Alice ainda

estava em dúvida se iria ou não viver em Porto Alegre, até quando chegou lá e se viu sozinha, sem ter companhia nem o que fazer em uma cidade completamente nova para a personagem.

A movimentação que ocorre ao longo do romance segue os termos de Michel Maffesoli (2001), ao ponto de que os deslocamentos são vistos como parte de um esforço de (re)construção identitária da protagonista, que vivia um momento de crise por conta de heranças emocionais. Esse processo de (re) construção de identidades é longo, árduo, exigindo de Alice empoderamento, coragem e foco, para que ela não ficasse tão vulnerável frente às vulnerabilidades dos deslocamentos na metrópole.

Complementando essa ideia de deslocamento como um processo de reconstrução identitária, há também, como Makine (1994) aponta, o deslocamento como busca pela liberdade, sendo possível encontrar “a surpreendente liberdade desse mundo múltiplo em que as pessoas pareciam escapar às leis implacáveis que regiam nossa própria vida” (MAKINE, 1994, p. 108 e 109), que acaba sendo o que Alice encontra pelo caminho das suas andanças. Assim, além de todo o deslocamento físico e das diferentes maneiras de percorrer e ocupar os espaços encontrados pelo caminho, há também a experimentação de uma viagem existencial para dentro de si mesmo, a fim de que o indivíduo possa realmente experimentar sensações que ainda não foram vividas, como foi o caso da liberdade para Alice.

O percurso de Alice ao longo dos seus quarenta dias de deslocamentos pode ser visto como uma experiência de um processo de passagem que gerou um profundo aprendizado e autoconhecimento. Primeiro, por uma personagem idosa experimentar caminhadas sem rumo e na busca de um desconhecido e, depois, por experimentar a fome, a sujeira, o frio, o medo, a incompreensão, o desrespeito e a impaciência ao viver na rua. Ao mesmo tempo em que passava por tais situações, Alice se sentia livre, embora à margem da sociedade e invisível aos olhos dos outros.

Desse modo, o narrador contemporâneo marca a fronteira entre as experiências deflagradas ao longo da vida e as possibilidades que poderiam ter sido experimentadas. Assim, os variados espaços que compõem o cenário de uma grande metrópole, que é o caso de Porto Alegre, sempre podem revelar fragmentos, fendas, vestígios, rachaduras, sobras, novos caminhos, dado o trânsito dos sujeitos visíveis e invisíveis que fazem parte desses espaços marcados de maneira marginal na literatura contemporânea e que são facilmente encontrados na narrativa de

Rezende. *Quarenta dias* conta parte da história de Alice, um sujeito invisível para muitos, mas também traz a história de Arturo e Lola, personagens que também são esquecidos pela sociedade e que, assim como Alice, estão nos extremos da sociedade.

2.2 A busca por Cícero como uma busca por si mesma

Buscar Cícero, o filho de uma conhecida da Paraíba que está sem notícias do rapaz há mais de um ano, foi uma maneira encontrada por Alice de preencher o vazio e a solidão que a invadiu em Porto Alegre. Arriscar-se nessa busca frenética e sem rumo por uma pessoa desconhecida em um lugar desconhecido foi o pontapé inicial de Alice na busca de um sentido e para tentar fugir da estranha vida que ela teria presa em um apartamento sem relação com ela, um lugar estranho e que a desagradava. A busca por Cícero durante quarenta dias foi um pretexto para que Alice se escondesse do abuso familiar sofrido por ela.

Nesse contexto, é válido apontar que o nome Cícero é o eco do vocábulo *cicerone*, nome de origem italiana que se refere ao guia turístico, pessoa responsável por conduzir os visitantes e destacar os aspectos mais importantes de determinado lugar. Desse modo, é possível que o nome de Cícero não esteja no romance à toa, visto que a busca por Cícero se tornou um guia, uma espécie de bússola durante os caminhares de Alice.

À primeira vista, Alice poderia ser considerada uma espécie de *flâneur*, fazendo dos espaços públicos da cidade os cômodos de sua casa. Tanto Alice como o *flâneur/ flaneuse* caminham atentos pela cidade, com olhares capazes de captar as coisas como elas eram e ressignificando tantas outras. No entanto, Alice aproxima-se mais da figura da andarilha, do nômade urbano, já que não há casa para voltar. É um indivíduo contemporâneo por si só, e “o indivíduo contemporâneo é em primeiro lugar um passageiro metropolitano” (PEIXOTO, 1990, p. 361), por estar sempre em constante movimento, experimentando sentimentos, sensações.

Nesse contexto de caminhadas, de constantes movimentos e de contato com pessoas diferentes, é possível que Alice se reconheça com múltiplas identidades, muitas delas podendo ser contraditórias à outras, de modo a comprovar a vitalidade

do momento, de saber tirar experiências e “viver intensamente o presente através de suas alegrias e de suas penas” (MAFFESOLI, 2001, p. 117-118).

Alice, protagonista dessa experiência transeunte durante quarenta dias se assemelha ao errante, observador que vagueia pela cidade e delimitado por Michel de Certeau (2001) como um praticante ordinário da cidade, um sujeito universal e anônimo que dá origem a uma nova cartografia urbana em suas andanças diárias. Aquele que percorre os espaços não reconhecidos do espaço urbano, que vaga descompromissadamente pelas vielas da cidade comum que, no caso do romance, é a Porto Alegre que poucos porto-alegrenses conheciam. Nesse desenrolar discursivo, é organizada a relação entre o lugar de que se sai e o não-lugar produzido, a passagem. “Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio. A errância, multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social de privação de lugar” (CERTEAU, 1998, p. 1983).

O caminhar desse sujeito universal e anônimo, geralmente reconhecido como migrantes, faz parte do processo de transformação informal da cidade, já que, segundo Francesco Careri, em *Caminhar e Parar* (2017), “São eles que repovoam muito dos espaços públicos que a cidade deixara vazios ou abandonados, as praças e os jardins dos centros históricos, como também os espaços móveis dos ônibus e dos metrô.” (CARERI, 2017, p. 35). Essa ocupação é muito notória ao longo do romance, visto que são os migrantes como Alice que povoam as praças, as ruas, os bancos das rodoviárias, os ônibus, a sala de espera dos hospitais públicos e tantos outros lugares visitados ao longo da narrativa.

Desse modo, ao povoarem os espaços públicos não ocupados pelo restante da população, o ato de caminhar não se torna apenas andar e olhar, mas sim escutar, em cada um desses lugares, quem vive e quem conhece a cidade. E caminhar buscando alguma saída, que no caso do romance seria encontrar Cícero, é a melhor maneira de explorar o território e de encontrar atalhos que podem levar a novas buscas.

Alice, sendo uma espécie de *flâneuse*, mostra a possibilidade de um sujeito feminino ampliar sua relação com o espaço da cidade, com o espaço público e, conseqüentemente, com a mobilidade nesses locais, com os quais historicamente as mulheres costumavam ser marginalizadas.

Como o ato de caminhar é um espaço de enunciação, de manifestação, Alice

usa dessa ação para tentar se identificar e se encontrar, seja quando encontrava outros andarilhos como ela, seja quando se identificava com alguém pelo caminho. Desse modo, ao caminhar por diversos espaços, Alice cria uma narrativa de experimentações de outras vidas sociais, tendo, em cada uma delas, uma experiência única no encontro com a cidade. A pluralidade da rua possibilita a observação do fluxo de pessoas e o encontro com as mesmas, de modo a realizar observações e trocas acerca das identidades urbanas que aparecem pelo caminho.

Quarenta dias apresenta aos leitores um espetáculo de coadjuvantes a partir dos personagens secundários como Lola e Arturo que agregam muito ao que é discutido na trama. E, para comentar sobre o encontro de Alice com esses personagens é válido fazer uso da metáfora que Careri (2017) apresenta entre o caminhar e o navegar. Para o autor, “para quem navega, o andar é tão importante quanto o parar” (p. 32) e no romance, foram nas paradas realizadas por Alice no decorrer de seu caminhar que os encontros aconteceram. O parar, seja por estar perdida ou por estar cansada, fez com que Alice fosse ao encontro do Outro e aprendesse a se relacionar com ele, no que o autor afirma que “Navegar, caminhar, perder-se carregam consigo o tema do encontro com o Outro, levam a ser estrangeiro e a encontrar outros estrangeiros – é este que talvez me pareça ser hoje – o aspecto mais atual da errância.” (CARERI, 2017, p. 33). Ir ao encontro do Outro, de alguém faz com que haja uma produção de conhecimentos recíproca entre as pessoas que se encontram, fazendo com que novas relações sejam construídas e novas maneiras de habitar sejam descobertas.

Ainda nessa metáfora sobre o navegar, Careri (2017) também aborda o conceito de deriva como a arte do encontro, que “leva-nos a um território onde saber aproveitar o vento significa saber usar as relações que se foi capaz de construir ao longo do caminho” (p. 33), que é exatamente o que acontece no que tange à relação entre Alice e os personagens secundários. No caso do romance, a deriva deixa de ser algo solitário e coletivo, passando a ser um “dispositivo de integração para habitar territórios já habitados, ser hóspede e receber hospitalidade” (p. 34), como foi o que aconteceu com Alice ao ser hospedada por Arturo e Lola ao longo de seu caminhar. Os encontros que Alice teve nas ruas proporcionou a ela experiências, descobertas e vislumbres de vida semelhantes e diferentes à dela. Com Arturo, Alice disse que

“Não sei se foi ainda na minha primeira semana de rua ou na seguinte, não sei, não posso jurar, parece que o Arturo já faz parte da minha vida há tanto tempo!, estou confusa, mas sei, sim, que foi no começo da quarentena que eu encontrei, eu tropecei no Arturo, melhor dizendo (REZENDE, 2014, p. 221).

Esse encontro com o Chapeleiro Maluco, apelido dado por Alice ao argentino, originou a primeira experiência de Alice dormindo na rua e resultou em uma amizade baseada em proteção, cumplicidade e preocupação por ambas as partes, com visitas quase que diárias ao Arturo, que viva embaixo de um viaduto na capital gaúcha.

Já o encontro com Lola se deu em uma praça em que Alice poderia ser facilmente confundida com uma moradora de rua. O primeiro contato entre as duas foi com um ar desconfiança, já que Lola não acreditou que Alice estava na praça, secando suas roupas e com aspecto de cansada, só de passagem e Alice tratou de logo desfazer o engano e explicar toda a história de como ela foi parar naquela situação. Lola continuou sem acreditar nas histórias que Alice contava, mas acabou contando a sua história e convidou a professora para dormir na sua casa, caso ela necessitasse. Alguns dias depois elas se reencontraram e Lola levou Alice para sua casa, para que ela pudesse dormir melhor e tomar banho. A casa de Lola por muitos dias acabou sendo a casa Alice, que se sentia bem na companhia e no espaço da amiga:

Andar com Lola dava-me direitos de cidadania pelas ruas, assimilavam-me como uma a mais entre eles, e eram tantos!, aves migrantes de todas as espécies, *perdidas do bando*, cansadas ou extraviadas a meio do caminho, esperando sob sol, chuva e sereno a volta do bando que as resgatasse? (REZENDE, 2014, p. 237 e 238).

A relação que Alice construiu com seus coadjuvantes foi o pontapé inicial para que novas relações e encontros fossem estabelecidos e, conforme ela mesmo disse “Lola, Arturo, foram só os primeiros, depois vieram tantos outros! Fui aprendendo, ficando mais e mais igual a eles” (REZENDE, 2014, p. 237).

Quando Alice torna-se uma verdadeira andarilha pelos cantos da capital gaúcha, a personagem passa a sentir a linha, muitas vezes invisível, que divide a cidade em centro e periferia, divisão essa que a personagem já havia sentido em outros momentos em que a professora aposentada era hostilizada por conta de seu sotaque, de sua origem, sendo chamada de “brasileirinha”. A subdivisão do espaço urbano mencionada anteriormente pode ser considerada, a depender da narrativa,

uma característica do romance contemporâneo de modo que as vivências distintas nesses ambientes evidenciam as disparidades do próprio sujeito social, que se vê fragmentado e perdido:

Pela primeira vez, desde que começou a minha *migração forçada*, tive vontade de chorar e fiquei um bom tempo com a cara virada para fora, fungando, querendo esconder as lágrimas, fingindo que olhava pela janela, vendo vagamente passarem avenidas e prédios que não me diziam nada (...) tudo tão misturado que a gente fica sem saber se cidade está nascendo ou morrendo (REZENDE, 2014, p. 99 – grifos nossos).

Assim, essa busca por Cícero acaba sendo uma busca por um sujeito perdido – que mais a frente será relacionada com o coelho de Alice, em *Alice no País das Maravilhas*, e, que, metaforicamente, pode ser uma busca por si mesma, por uma acolhida. Esse fragmento também possibilita entender que a relação presente no romance entre a personagem e o cenário urbano seja vista e questionada, uma vez que os diversos lugares em que Alice esteve acabam fazendo parte do seu processo de autodescoberta. E, sobre o caminhar e habitar nesse cenário urbano, Walter Benjamin afirma que existe um “espetáculo da vida mundana e das milhares de existências desregradas que habitam os subterrâneos de uma cidade grande” (BENJAMIN, 1991 p. 77). Como personagens deste espetáculo de coadjuvantes, encontram-se figuras de caminhantes com passos cambaleantes e experiências particulares, cujo olhar sobre a cidade não se limita ao de um simples habitante

O conflito que Alice tinha consigo mesma em relação a sua (in)visibilidade em seus deslocamentos foi relatado pela própria em seu diário/caderno que tinha a capa da boneca Barbie. A escrita foi uma forma que a personagem encontrou de expor seus sentimentos e pensamentos, além de ser um modo de amenizar a difícil realidade à qual Alice foi imposta, longe de sua família, distante de sua história, sem poder realizar suas vontades e com seus desejos reduzidos ao que a filha queria. O simples ato de escrever tranquilizava a professora aposentada e ressignificava suas lembranças:

Um alívio, uma tarefa e coisas familiares pra antiga professora, uma fresta por onde respirar e deixar entrar alguma luz, voltar a pensar com certa clareza, reencontra as palavras, minhas velhas ferramentas de trabalho. Me tranquiliza. (REZENDE, 2014, p. 14).

Em suas escritas era possível encontrar trechos em que a personagem se

referia à filha e ao genro como “eles”, tratando-os com certa indiferença e com um certo grau de distância. Esse tratamento em um tom mais magoado é compreensível, visto que houve um jogo de manipulações, intrigas e pressões de que Alice foi vítima, sem contar que a protagonista deixou toda uma vida em João Pessoa para chegar em Porto Alegre e ser abandonada pela filha que foi viver em outro país. O momento da descoberta dos planos, até então ocultos por Nora, foi desconcertante para Alice, incapaz de esboçar qualquer reação:

Custei a acreditar. Havia um mês que um projeto de pós-doutorado de Umberto tinha sido aprovado e Norinha mesmo tinha conseguido uma bolsa de pesquisa. Iam passar pelo menos seis meses na Europa, nem prestei atenção em qual país, partiriam em menos de uma semana. (...) não ouvi mais nada, gelada, paralisada, muda, um tempão ou uns segundos? (REZENDE, 2014, p. 76).

Foram nas páginas amareladas do caderno de Barbie que Alice encontrou conforto, não só pelo caderno ser o único objeto que a protagonista conseguiu salvar da mudança, mas também por ser um meio em que a professora aposentada conseguiu ser ouvida, ainda que por uma boneca, pois a própria Alice tinha consciência de que a Barbie era “só um recurso mentiroso pra eu me sentir em comunicação com alguém” (REZENDE, 2014, p. 123).

Em meio a esse contexto de descentralização do sujeito, Alice vivencia uma crise identitária por conta da confusão que se tornou sua vida. Dessa forma, Alice, enquanto busca por Cícero, também sai em busca dos seguintes questionamentos: Quem é Alice? A Alice projetada por Norinha é a Alice real? A professora Póli, nome por qual Alice era conhecida nas salas de aula, e a Alice são as mesmas pessoas?

Esses questionamentos são tratados ao longo da escrita do diário, em que há muitas passagens que comparam a disciplina, a honestidade, a vida tranquila que a professora Póli tinha com a rebeldia, com as mentiras e insatisfações da Alice que estava vivendo em Porto Alegre. Essa diferença no comportamento da professora Póli e da Alice que vive na capital gaúcha foi uma forma encontrada de contrastar a reconstrução da identidade da personagem:

O que eu deixei pra trás, o que me obrigaram a deixar pra trás, lá ficou, na antiga vida da contente e pacífica professora Póli. Não tinham mais nada a ver com essa estranha Alice, desenraizada, desaprumada, que nem eu mesma conhecia. (REZENDE, 2014, p. 89).

Desse modo, nesse contexto de construção identitária relacionada com a cultura na qual o indivíduo se encontra, é necessário que as problemáticas relacionadas a esse contexto sejam consideradas, principalmente quando há questões de ordem coletivas e sociais. Foi a partir do pensamento no próximo, da preocupação com o seu semelhante que Alice teve a empatia de também se colocar à disposição para sair em busca do filho perdido, ainda que essa tarefa fosse um objetivo secundário para que a personagem não precisasse ficar no “apartamento-arapuca montado pela Rainha Nora” (REZENDE, 2014, p. 135).

Em suas incursões pelas periferias em busca de Cícero, Alice encontra seus conterrâneos, “brasileirinhos” como ela, que viviam em lugares distantes da Porto Alegre desenvolvida e que foram ao Sul em busca de melhores oportunidades de vida. A personagem vive na pele a violência, a precarização das condições de vida e de higiene à qual está exposta a população em situação de rua, esquecida pelo poder público. Essa condição de vulnerabilidade combina a perda da cidadania com a perda da identificação pessoal, de forma que não só Alice, mas os seus companheiros de rua também encontram dificuldades no processo de autoidentificação.

Ao contrário da Alice quieta e trancada em casa, quando ela sai para as ruas, começa o processo de refletir, pensar, ver e enunciar sobre a sua atual situação. De acordo com Leila Harris (2009), baseando-se na leitura que Susan Friedman fez sobre as “poéticas do deslocamento”, “o ato de partir se configura então como uma pré-condição para a fala, para a escrita, e para a possibilidade de autonomia” (HARRIS, 2009, p. 38). Assim, a personagem se conecta com a cidade como forma de sentir que pertence ou buscando esse pertencimento. Quanto mais se desloca, mais se percebe como sujeito e mais reconhece seus passos/espacos. Com o decorrer dos dias, Alice aceita sua condição de “sem casa” e torna-se habitante provisória de todos os lugares e de lugar nenhum. Ela se acostuma com a vida nas ruas e se junta a outros/as habitantes que encontra pelo caminho, a quem também comparava com aves sem morada certa:

Eram tantos!, aves migrantes de todas as espécies, perdidas do bando, cansadas ou extraviadas a meio do caminho, esperando sob o sol, chuva e sereno a volta do bando que as resgate?, recusam o zoológico, não se deixam aliciar pela comida fácil oferecida, medo de não ver a revoada ou de não ser encontradas quando o bando passar de volta?, preferem o ar livre, mirando o céu, à procura dos seus, ou,

desde o chão, deixando passar os bandos rasteiros nos quais não se reconhecem (REZENDE, 2014, p. 237).

Os companheiros de Alice nas ruas são pessoas que, assim como ela, são personagens em trânsito, como é o caso do poeta uruguaio/argentino Arturo e de Lola, que ainda que tenha uma casa, vive nas ruas. Arturo decide viver nas ruas para fugir da ditadura no seu país de origem, que acaba sendo um ponto em comum com a história de Alice, que tem seu marido desaparecido pelo motivo que fez com que Arturo fosse buscar abrigo em outro lugar, a ditada. Assim, é possível reconhecer que a história de Alice e Artur se assemelham além da vida nas ruas. Desse modo, Alice vai para a rua para tentar fugir da nova realidade solitária, mas também para garimpar histórias e sentimentos das pessoas desterritorializadas que ela encontra pelo caminho. Nessa fuga, ela consegue ver de perto a dificuldade e o quanto sofrido é viver nas ruas, pois ela passa a ser um deles. À medida em que Alice explora ‘as brechas’ da cidade, ela também explora as suas próprias brechas identitárias.

A construção de uma imagem comparativa entre João Pessoa e Porto Alegre é inevitável ao longo do romance e das andanças, uma vez que a autora se utiliza do senso comum sobre as duas cidades para mostrar um processo de identificação precário, uma história de um deslocamento geográfico e emocional de Alice, que pode ser considerada o retrato de muitas mulheres do país que mudam suas vidas radicalmente em prol de outras pessoas e acabam por se sentirem sozinhas, tendo plena consciência da solidão. O fato de a cidade de João Pessoa estar internalizada na personagem Alice também faz com que essa comparação seja mais dramática, uma vez que o mapa e os hábitos que Alice tinha em sua cidade natal não funcionam em Porto Alegre, exigindo que a personagem se adapte à sua nova realidade.

Considerando a busca por Cícero como um dos principais elementos do romance, já que essa procura foi responsável pelos deslocamentos de Alice pela cidade, é possível entender que encontrá-lo seria perder o elemento responsável pela mudança, pela busca de si mesma, seria quebrar os paradigmas que a personagem construiu ao longo da trama. Não encontrar Cícero corrobora para a continuação na busca por si nessa nova etapa da vida que, de certo modo, não acaba nunca, pois para Hall, uma identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2006, p. 13). Não encontrar Cícero é um

sinal de que a vida está sempre em constante mudança.

Assim, a (in)visibilidade de Alice em seus deslocamentos se acentua principalmente por conta de suas características: mulher, “morena”, idosa, aposentada, mãe que criou a filha praticamente sozinha e originária do Nordeste. Tais características fazem com que Alice se sinta ainda mais diminuída e marginalizada perante a nova vida no Sul do país. Uma das características mais acentuadas é a questão da velhice, pois a figura do velho geralmente é associada à noção do silêncio, da incapacidade, do apagamento, da inutilidade, de modo que esse indivíduo não possa ter mais protagonismo em sua vida e nem no cotidiano da sociedade, de sua família. O idoso é reduzido ao ócio, não sendo digno de sua visibilidade e reconhecimento por tudo o que foi feito ao longo de sua vida. Dentro de uma perspectiva liberal e capitalista, como é a visão de Nora ao reduzir a “utilidade” de Alice ao cuidar do possível neto.

Essa (in)visibilidade de Alice também pode ser comparada ao modo em que a imprensa aborda a autoria de Maria Valéria Rezende, uma freira que já viveu em vários países e que viajou bastante ao longo da sua vida em prol da igreja. A própria escritora, premiada com o prêmio Jabuti 2015 pelo livro analisado no presente trabalho, ironiza as pessoas que diminuem o seu ofício, o de uma freira escrever literatura. Em uma entrevista em 23 de fevereiro de 2017 para o *El País online*, Rezende questionou o seguinte: “As pessoas pensam que freiras são bobinhas. Como podem escrever literatura?”. A escritora ainda aponta que as pessoas ainda insistem no estereótipo da freira como uma pessoa que não arranhou marido e que por isso foi para o convento, invisibilizando uma escolha da própria mulher quanto ao destino de sua vida.

Desse modo, é possível perceber a identificação de um discurso que infelizmente ainda é muito enraizado na sociedade, que, igualmente, prescreve modelos de comportamento universalizantes, quando já se sabe que a idade não homogeneíza as pessoas (GOLDANI, 1999). Pelo contrário, é na velhice que as diferenças se revelam mais nitidamente e, tanto no caso de Alice como no caso de Maria Valéria Rezende, quando há também uma desigualdade de gênero, elas se acentuam. Com o envelhecimento, os homens e as mulheres, principalmente, veem se aprofundarem estas diferenciações que acabam sendo condicionantes, no que diz respeito à vida em si, inclusive na forma de tratamento de uma simples reportagem.

A esperança é de que, em um futuro não tão distante, as formas de tratamento utilizadas em veículos de imprensa sejam baseadas no respeito e na importância da notícia e/ou entrevista, de forma que o gênero e a idade não sejam fatores determinantes para desprestigiar trabalhos premiados nacionalmente. Talvez com mais reflexões sobre essa temática, como as apresentadas no presente trabalho, seja possível esperar que situações como as quais Maria Valéria Rezende passou por ser mulher, idosa e freira não sejam mais realidades referentes ao prestígio da literatura brasileira contemporânea, pois, a partir do momento que uma escritora premiada com um dos prêmios mais importantes do país é desacreditada e desprestigiada da forma como Rezende foi, a literatura brasileira contemporânea também é afetada. Assim, a luta para um tratamento igualitário e respeitoso para os escritores é, conseqüentemente, uma luta por uma literatura brasileira contemporânea mais acessível e mais justa.

2.3 Entre o apartamento e a rua: os desafios de se (re)conhecer nos espaços

Desde o momento em que Alice foi convencida a ir viver em Porto Alegre para realizar as vontades de Norinha, ela passou a ter a “sensação de que uma grande arapuca se fechava” (REZENDE, 2014, p. 40) à sua volta. Em poucos dias sua vida foi transformada: um brechó com seus móveis e objetos foi realizado por parentes e amigos de João Pessoa e um apartamento foi mobiliado por Norinha na capital gaúcha. Sem muito poder de escolha, Alice viu toda a sua vida ser desmontada no Nordeste e montada à maneira e ao gosto de Norinha no Sul.

A chegada de Alice em Porto Alegre “foi como não estar em cidade alguma, através de um desfilar de postes, luzes, portas e janelas, esquinas, todas iguais, a impressão de estar voltando sempre às mesmas ruas” (REZENDE, 2014, p. 40). Ao chegar no apartamento que escolheram para que ela vivesse, a professora aposentada teve outras impressões negativas:

Fui tangida por entre poltronas e sofás brancos atulhados de terríveis almofadas de todos os tons entre o rosa-bebê e o roxo-quaresma, grandes cubos, paralelepípedos, prateleiras, tudo branco ou preto, por cima de um tapete branco e felpudo. Custei a reconhecer, numa prateleira preta, parte de meus velhos livros deslocados e

encabulados naquele cenário emergente de novela de televisão, entre coisas impessoais, aqui e ali a mancha cor de jerimum ou vermelho-sangue de algum objeto igualmente geométrico e sem sentido, sem história nem nexos, coisas espalhadas a esmo ou segundo uma intenção inteiramente alheia e incompreensível pra mim. (REZENDE, 2014, p. 40 e 41)

Embora fosse perceptível o esforço que Norinha havia feito para receber a mãe em Porto Alegre, Alice não conseguia se sentir em casa. Para a professora aposentada, o apartamento era uma espécie de “showroom” de móveis modernos, onde ela depositava os papéis e panfletos que recebia nas ruas e onde ela não conseguia nutrir uma sensação de pertencimento relativa ao lugar. Lá ela não conseguia dizer que estava em casa, embora tentasse.

A questão da casa, de um modo geral, permeia o romance, já que em João Pessoa, a casa de Alice era um verdadeiro lar, um local com o qual havia muita identificação e que, de um dia para o outro, virou um brechó e, um tempo depois, virou o que a personagem chamava de “showroom”, até tornar-se uma “sem teto” ao longo de suas andanças. Desse modo, a representação do que era uma casa tornou-se uma dualidade entre abrigo *versus* desabrigo, que mostrava estreita relação com a questão do pertencimento.

As passagens na obra de Rezende confirmam essa falta de pertencimento e como essa relação de Alice com o ambiente a afetava:

a lembrança de todo o meu percurso até aquele quarto sem nenhum caráter, mal reconhecendo minha própria figura, fora de lugar, refletida numa estreita parede coberta de cima a baixo por um incontornável espelho bem em frente à cama. Levantei-me zozna, saí zanzando pelo apartamento, tentando me orientar naquela espécie de tabuleiro, eu, peão movido pela mão de outra pessoa, uma rainha louca com a cara da minha filha passando, num átimo, pela minha imaginação. (REZENDE, 2014, p. 42)

Somando o fato de viver onde não queria com o desgosto de saber que Norinha tinha a chave para entrar em seu esconderijo quando e como quisesse, Alice se considerava uma sem-teto, já que a sua verdadeira casa tinha sido desmanchada em João Pessoa. Sair do apartamento e ter que voltar não a agradava, fazendo com que ela buscasse destinos provisórios para passar suas noites.

É nesse contexto da solidão, de estar solitária que o apartamento “arapuca” pode ser considerado um “não lugar”, segundo o antropólogo francês Marc Augé. O pensamento de Augé aponta que os “não lugares” podem acabar provocando uma

perda de nós mesmo como grupo e sociedade, de forma a prevalecer o indivíduo sozinho, sem que haja espaço para o outro, sem que o indivíduo se sinta realmente parte daquele ambiente. Nesses locais, a relação com o outro – tão potente nos caminhares pelas ruas da cidade, é minimizada em relação com si mesmo, de modo que “o espaço do não-lugar não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude” (AUGÉ, 1994, p. 95).

Após suas andanças e reflexões, Alice demonstra estar mais disposta e esforçada a aceitar o apartamento como sendo dela, de modo que as noites de sono deixaram de ser espécies de momentos tristes e obscuros e passaram a ser momentos felizes e tranquilos. A solidão vivida no apartamento e a liberdade ao percorrer a cidade foram fundamentais para que a protagonista se (re)reconhecesse nos espaços.

Caminhar em uma cidade grande tão diferente de sua cidade natal fez com Alice sentisse mudanças abruptas na sua andança. Rebeca Solnit, em *A história do Caminhar* (2016), afirma que

As cidades grandes sempre ofereceram anonimato, variedade e associação, qualidades que podem ser mais bem aproveitadas caminhando: não é preciso entrar na padaria nem na tenda do adivinho, basta saber que isso é possível. Uma cidade sempre conta mais do que é dado aos habitantes conhecer, e uma cidade de grande porte sempre faz do desconhecido e do possível as esporas da imaginação. (SOLNIT 2016, p. 284).

De fato, Alice viveu, em seus quarentas dias caminhando, um anonimato nunca vivido antes, seja nos comércios por onde passava e até mesmo no prédio em que mantinha seu apartamento. Esse caminhar, ao oferecer o anonimato, também oferece certa liberdade e cidadania ao caminhante, já que

Caminhar é só o começo da cidadania, mas é por meio dele que o cidadão ou cidadã conhece sua cidade e outros cidadãos e realmente habita a cidade, e não uma parte dela, pequena e privatizada. Andar pelas ruas é o que une a leitura do mapa à maneira como se leva a vida [...] Caminhar conserva o caráter público e a viabilidade do espaço público (SOLNIT 2016, p. 291).

Alice era uma caminhante solitária e, de início, sem muitos propósitos no seu caminhar. No entanto, segundo Solnit (2016), “nas cidades grandes, os espaços são projetados e construídos tanto quanto os lugares: andar, testemunhar, estar em público são parte do projeto e da finalidade tanto quanto comer, dormir, fazer

sapatos, amor ou música nos ambientes internos”, de modo a comprovar que embora Alice não tivesse propósitos claros, eles estavam ali. (p. 290) Em seu caminhar solitário, muitos questionamentos apareceram pelo caminho, desde pensamentos sobre o que as pessoas pudessem estar pensando dela, até questionamentos relacionados à sua própria cidadania. Alice se mostrava preocupada com a opinião alheia, como pode ser observado no seguinte fragmento

Quem me visse pensaria que eu sabia exatamente pra onde ir e tinha pressa. Na verdade, eu não tinha pressa nenhuma, estava prolongando a qualquer pretexto e quase desfrutando aquela nova espécie de liberdade, o anonimato sem destino, uma andança sem pé nem cabeça, cada vez mais movida a pura ficção que, àquela hora, já ia longe do motivo aparentemente real e inicial da minha disparada pra rua (REZENDE, 2014, p. 138)

A solidão em parte de sua caminhada também chama atenção do leitor, pois embora a personagem estivesse realmente sozinha em termos de companhia, a imaginação e os pensamentos a acompanhavam a todo momento. Segundo Solnit (2016)

Na cidade, a pessoa está só porque o mundo é feito de estranhos, e ser um estranho cercado de estranhos, seguir adiante, a pé e em silêncio, portando os próprios segredos e imaginando quais seriam os dos transeuntes, está entre os luxos mais supremos. Essa identidade inexplorada com suas possibilidades ilimitáveis é uma das características distintivas da vida urbana, um estado libertador para aqueles que chegam a se emancipar das expectativas da família e da comunidade, a experimentar com a subcultura e a identidade. É um estado observador, impassível, retraído, de sentidos aguçados, um bom estado para quem precisa refletir ou criar. (SOLNIT, 2016, p. 308 e 309)

Assim, embora Alice estivesse só, ela estava explorando uma identidade até então desconhecida por ela e por sua família e amigos, de modo a experimentar a liberdade que o anonimato e que a solidão propiciou a ela. Caminhar, mesmo que sozinha, foi uma parte importante do ritual de Alice durante os quarenta dias, sendo um momento de organizar os pensamentos, as emoções, os contatos e os planos para o futuro.

Rebeca Solnit (2016) afirma que “são três os pré-requisitos de uma caminhada, ou seja, de sair pelo mundo e caminhar por prazer. É preciso ter tempo livre, um lugar para ir e um corpo livre de enfermidade ou restrições sociais” (p. 388). No caso de Alice, os pré-requisitos apontados por Solnit merecem certos adendos,

visto que a caminhada de Alice não era apenas pelo prazer de perambular, mas também era uma forma de fugir da realidade e da crise que ela vivia no ambiente familiar. Além disso, a personagem tinha tempo livre, já que era aposentada, mas não tinha, até então, um lugar específico para ir e nem um corpo livre de restrições sociais, já que era idosa.

Desse modo, é válido pensar sobre o caminhar feminino e, mais especificamente, sobre o caminhar feminino idoso. Para começar, é preciso reconhecer que o caminhar feminino, na maioria das vezes, é visto pela sociedade machista como uma espécie de performance, e não como uma simples locomoção. Assim, muitas mulheres já caminham com medo de serem julgadas e carregando culpas que muitas vezes só aumentam no decorrer da caminhada. Elas têm medo do que pode acontecer pelo caminho, do que estão pensando delas por estarem caminhando sozinhas, de não conseguirem chegar ao destino planejado, têm medo do assédio e da violência comumente presentes em seus deslocamentos, que acabam por limitar seus espaços, caminhares e projetos. Elas sentem culpa por terem deixado pessoas, coisas e projetos para trás, sentem culpa por não estarem exercendo papéis que a sociedade impôs a elas.

O caminhar das mulheres é uma luta contra os padrões existentes: o das mulheres que foram relegadas a vida inteira ao espaço privado do lar e às tarefas existentes nesse ambiente. O caminhar das mulheres no espaço público foi, inicialmente, ora destinado ao consumo, ir às compras foi uma forma de legitimar a presença dela em espaços públicos, ora por necessidade, principalmente para as mulheres negras. E, por muito tempo, segundo Solnit (2016), “um dos argumentos para a inexistência de flanadoras era o que de as mulheres, por serem bens de consumo ou consumidoras, seriam incapazes de se desapegar o suficiente do comércio da vida cotidiana” (p. 393). Esse cenário mudou e Alice e tantas outras personagens flanadoras mostram em suas histórias e caminhares a ocupação de espaços públicos sem essa relação com o consumo, mas com questões relacionadas a autodescobertas, subjetividades, identidades e necessidades.

As mulheres idosas, em especial, ainda precisam lidar com as questões que envolvem o peso e o corpo envelhecido nesse caminhar. Para essas mulheres, o caminhar é um ato de resistência à corrente vigente, já que o caminhar acaba sendo uma reação ao que a sociedade pensa sobre tais mulheres. A cultura do caminhar nesse contexto é vista como uma representação simbólica de uma jornada anterior e

de uma jornada interior da caminhante.

A parte final do livro de Solnit (2016) traz citações relacionadas ao caminhar e umas delas compara o caminhar tal qual um poema. É uma citação de A.R. Ammons, em “*A poem is a Walk*”, que diz que

[...] a caminhada é irreproduzível, tal qual o poema. Mesmo que se percorra exatamente o mesmo itinerário todos os dias – como no caso do soneto -, não se podem imaginar os acontecimentos no decorrer do caminho como se fossem os mesmos de um dia para o outro[...] Se um poema se renova a cada vez, então se trata necessariamente de um ato de descoberta, a aceitação de um risco, um risco que pode levar à satisfação ou ao desastre. (SOLNIT, 2016, p. 495)

Essa comparação é certa ao afirmar sobre as mudanças que acontecem ao decorrer do caminhar, sendo compatíveis às múltiplas leituras e interpretações presentes no poema. Além disso, trata também das descobertas que podem acontecer ao longo do caminhar e de possíveis problemas que também possam aparecer nesse processo.

3 IDENTIDADES E SUBJETIVIDADES EM ALICE, MULHER DE MEIA IDADE

3.1 Representação e velhice em *Quarenta Dias*

Para que possamos pensar no papel que Alice exerce no romance, sendo uma mulher de meia idade pressionada a desenraizar-se de forma tão traumática para ir viver em Porto Alegre uma vida sendo “avó profissional”, é necessário que façamos uma reflexão histórico e social sobre o que a velhice representa para a sociedade. Tratar o termo “aposentado” exige cuidado, pois há diversos pensamentos estereotipados que relacionam o fato de a pessoa ser aposentada ao seu declínio, ao deixar de viver a vida, tornando-se pessoas incompetentes, imprestáveis para a sociedade e até mesmo um gasto a mais para o Estado, que deve arcar com o pagamento da aposentadoria.

É curioso pensar que esses estereótipos infelizmente são encontrados em nossa sociedade, ainda que o envelhecimento no Brasil seja considerado um fenômeno muito relevante, visto que os idosos vêm se tornando um grupo social muito visado, um nicho comercial que apresenta muitos resultados promissores por conta de seus produtos específicos, de diversos serviços especializados e de uma forte participação desse grupo no mercado, seja como consumidor ou como mão-de-obra. Tal cenário só tende a aumentar a importância dos idosos, principalmente quando pensamos no futuro, em que dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2013) apontam que em 2060 a população brasileira será de 58,4 milhões de idosos, cerca de 26,7% da população. Será então, que em 2060, continuaremos a encontrar estereótipos tão negativos sobre os nossos idosos? Será que a aposentadoria ainda será considerada uma espécie de “aposentadoria da vida”, em que a pessoa deixa de viver seu merecido descanso e outras experiências para viver a vida de outras pessoas, sendo uma espécie de cuidador?

Tais questionamentos tornam-se ainda mais interessantes quando pensamos em casos um pouco mais específicos, como é o caso de Alice, também conhecida como professora Póli, uma professora de francês aposentada que tinha duas aposentadorias e que vivia relativamente bem em João Pessoa, sua cidade de origem. A realidade financeira de Alice foge um pouco da realidade de muitos

professores brasileiros, que ao se aposentarem perdem boa parte de sua renda, tendo que aprender a viver com menos ou encontrando alguma outra maneira de conseguir a renda equivalente ao tempo em que estava na ativa, submetendo-se, muitas vezes, a trabalhos informais para complementar a renda. Assim, ainda que Alice tenha visto sua vida pessoal ser colocada em segundo plano por sua filha, ela ainda tinha, de certa forma, uma segurança financeira que fazia com que ela não fosse dependente de Norinha financeiramente, mas uma pessoa incapaz e sem direitos, tornando-a dependente da filha.

Andréa Pachá, desembargadora e escritora finalista do 61º Prêmio Jabuti com o livro *Velhos são os outros*, afirma que “é um desafio ser velho em uma sociedade que incensa a juventude, a beleza, o consumo. É um desafio envelhecer e ser respeitado com a fragmentação do trabalho, da previdência.” (*apud* Instituto Brasileiro de Direito de Família – IBDFAM, 2019). Pachá ainda comenta sobre a necessidade de escutar os idosos, de não deixar que eles sejam silenciados e influenciados pela família, pelos amigos, pela sociedade, de forma que essas pessoas, já tão vulneráveis por conta de suas condições, tenham suas capacidades ainda mais reduzidas por quem está de fora. Essa segregação, esse silenciamento por parte da família também está presente no romance, pois os próprios familiares, ao invés de ajudar, de preservar a vida de aposentada de Alice, se orquestram e optam por silenciá-la por meio de argumentos que acabam por reduzir a vida da aposentada ao papel de cuidar dos outros, e não de si mesma, colocando a vida pessoal de Alice em segundo plano, já que, para eles, Alice já tinha vivido tudo o que tinha de viver.

Aquela canseira foi me amolecendo, dia a dia, me dando uma desistência, e nem lembro direito se foi a própria Norinha ou sua aliada-mora, Elizete, quem me arrouchou num canto da parede: Você vai pra Porto Alegre, sim, e não se discute mais isso, todo mundo vê que é o melhor, é a sua obrigação acompanhar sua filha única, só você é que não aceita, parece um jumento empacado na lama, continuar com uma besteira dessas (REZENDE, 2014, p. 34 – grifos nossos).

É por meio das questões como as apresentadas por Pachá que o modo como as mulheres idosas são retratadas na literatura deve ser repensado, modo esse que, dependendo do contexto, pode ser visto como o reflexo da sociedade. O idoso precisa parar de ser tratado como objeto, ele é um sujeito de direitos, pois no momento em que a sociedade aponta que os idosos são vulneráveis, que eles não

são autônomos, que eles são considerados como “problemas” para muitas famílias, a sociedade acaba por invisibilizá-los, fazendo com que eles achem que não estejam aptos para escolher, para desejar, para decidir, para viver a vida que eles queiram. A sociedade precisa compreender que o idoso tem o direito de envelhecer com autonomia, com cuidado, protegido, de forma que em 2003 foi instituído o Estatuto do Idoso, regido pela Lei 10.741 de 2003, que visa garantir os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, abordando questões familiares, de saúde, discriminação e violência contra o idoso.

Ainda que a Lei proteja o idoso em diversas questões, este ainda carrega consigo uma carga ideológica que visa reduzi-lo simplesmente ao estigma da idade, seja por sua grande responsabilidade nas tarefas domiciliares, resultado, muitas vezes, de uma criação machista em que a mulher, a mãe sempre estivesse reduzida ao espaço doméstico, seja pelas atribuições de cuidar dos netos depois de aposentada, seja pela tradição dos idosos serem considerados conselheiros, por conta de suas experiências de vida e também pelos idosos serem inferiorizados, subalternados e vistos por algumas pessoas como espécies de “parasitas”.

Esses preconceitos marcam a velhice na sociedade moderna, restringindo os velhos a uma existência sem significado. Esse discurso transforma o idoso, detentor de certa sabedoria e experiência e membro respeitados na família e na comunidade, a um peso para a família e para o Estado.

Segundo Guita Grin Debert, em *A reinvenção da velhice* (1999),

a velhice é tratada como uma etapa da vida caracterizada pela decadência física e ausência de papéis sociais. O avanço da idade como um processo contínuo de perdas e de dependência – que daria uma identidade de condição aos idosos – é responsável por um conjunto de imagens negativas associadas à velhice, mas foi também um elemento fundamental para a legitimação de direitos sociais, como a universalização da aposentadoria. (DEBERT, 1999, p. 14)

A autora aponta o que é comum no cotidiano, sobre a dificuldade de não relacionar a velhice à aposentadora, às doenças, à família, ao Estado, aos impostos e ao dinheiro. Tais preocupações e relações existem devido, principalmente, aos números cada vez mais representativos que englobam a terceira idade.

No que tange as questões familiares, ainda que sejam protegidas por Lei, há casos, como o de Alice, que necessitam de uma certa atenção e reflexão sobre o tema, pois a relação existente entre a personagem principal e sua filha é conflituosa

desde quando Norinha era jovem, pois a mãe trabalhava muito por conta de sua rotina dinâmica como professora, não dava muita atenção para a filha e não tendo a participação do pai, que desapareceu por questões políticas, em sua criação. Essa relação conflituosa pode ser vista em

O tom com que me falava foi se tornando cada vez mais acusatório e amargo, e eu cada vez mais assombrada ao descobrir como minha filha via a vida que me matei para lhe dar, as culpas que me atribuía, a imagem que tinha de mim. Era de duvidar que aquela estranha acusadora fosse de fato minha filha (...) (REZENDE, 2014, p. 28).

Desse modo, os conflitos familiares apresentados no romance acabam acentuando o discurso persuasivo, manipulador de Norinha para convencer Alice a se mudar para Porto Alegre. Era um discurso de coação, repleto de pressões psicológicas, frustrações, de chantagens, de opiniões alheias, em que Norinha abusava de emocionalismos e culpabilidades para que Alice aceitasse a proposta de ser avó em tempo integral, em condição exclusiva de uma criança que sequer havia sido gerada, e mesmo que fosse não estaria no Brasil para que Alice pudesse exercer o papel que a ela foi designado. Norinha se apoiava fortemente em argumentos que tinham relação com o senso comum, na tradição de que os avós geralmente cuidam dos netos, em uma espécie de ocupação “digna”, “natural” e “esperada” das avós de meia-idade, pois atitudes como essas são responsáveis pela união da família. Afinal, como a própria Alice aponta “o certo para ela era que eu, afinal, já tinha chegado ao fim da minha vida própria, agora o que me restava era reduzir-me a avó” (REZENDE, 2014, p. 26). A personagem sofria imposições que discordavam sobre o que ela queria ser. Esse discurso de Norinha está presente em diversas passagens do romance, como, por exemplo, quando a protagonista diz:

Foi pelas cicatrizes que ela me pegou e não largou mais, chantageando: por minha culpa ela tinha crescido praticamente sozinha, eu me ausentava, só pensando em trabalhar pra esquecer a tragédia da minha juventude, ela não tinha culpa de nada, fui eu que nem tive coragem de recomeçar a vida, de lhe dar um novo pai, que ela, a bem dizer, nunca teve nenhum, não lhe dei irmãos (...) Disse que se eu não tivesse generosidade pra ajuda-la agora era melhor nem ter tido filha nenhuma (...) (REZENDE, 2014, p.27).

A partir desses discursos de Norinha e do apoio da família para que Alice se mude para Porto Alegre a contragosto, a professora aposentada vai perdendo o controle de sua própria vida. Sem que Alice pudesse dizer algo “um a um, outros

parentes e amigos iam jogando essa conversinha, telefonavam, apareciam pra visitar, mais discretos que a Elizete, mas retomando o mesmo assunto uma ou outra vez.” (REZENDE, 2014, p. 33). A personagem acabou deixando todo o amor que sentia pela filha falar mais alto, mesmo relutando muito e sentindo muita raiva, e acabou se mudando, ainda que a sua idade já estivesse pedindo descanso e que ela preferisse ficar em sua cidade natal

Quando Elizete se distraía de sua extremada solicitude pra comigo, como se eu fosse uma doente grave à espera da cirurgia ou do milagre salvador que seria meu transplante definitivo para Porto Alegre, eu fugia pra longas caminhadas à beira-mar, querendo empapar-me de maresia que limpasse por corrosão aquela raiva que me doía tanto. (REZENDE, 2014, p. 38).

Nem organizar a própria mudança Alice pôde fazer sozinha, o que a deixava ainda com mais raiva, pois seus familiares acreditavam que, por conta de sua idade, ela não conseguiria, fazendo com que seus familiares e amigos auxiliassem a personagem a se desfazer de uma vida inteira vivida naquele lugar. Assim, desde a sua saída de João Pessoa até a sua chegada em Porto Alegre, Alice teve tudo organizado por terceiros, mostrando, mais uma vez, a condição de invisibilidade e dependência que as pessoas criavam para com Alice, como é possível perceber nos seguintes fragmentos:

Minha filha disse O que é isso, mãe? Parece que virou uma velhota sentimental, com esse apego a coisas completamente ultrapassadas. Pronto. Foi o que bastou para Elizete pegar a deixa e pôr as mãos na massa, esvaziar gavetas e estantes, separar roupas que Vixe, Alice, só servem mesmo para brechó, ou nem isso, uma velharia! (REZENDE, 2014, p. 7).

Enquanto ali se desmontavam minha cabeça, minha casa, minha vida, cá no Sul Norinha montava, à maneira dela, ao gosto dela, o que eu havia de ter e havia de ser no futuro próximo. (...) Mãinha, esvaziar e alugar esse apartamento, aqui no Cabo Branco o aluguel é quase igual, que eu já escolhi outro pra senhora lá em Porto Alegre, ótimo apartamento, num bairro muito bom, já mobíliei e decorei, tudo novo em folha, (...) Vida nova! essa velharia fica toda aqui e a senhora embarca comigo no fim de julho. (REZENDE, 2014, p. 37).

A personagem deixa claro a sua tristeza, a sua angústia, a sua decepção em não ter tido a liberdade de escolher onde iria viver, já que Norinha escolheu um apartamento que mais parecia, para Alice, um “‘showroom’ de móveis modernos” (REZENDE, 2014, p. 23) e nem o que teria na casa dela, fazendo com que a personagem não se sentisse em casa em sua nova casa. Assim, ainda que Alice tivesse sua independência, financeira principalmente, ela não se sentia tão

independente assim, visto a sua total vulnerabilidade em uma cidade nova, grande e totalmente diferente da qual ela estava acostumada.

Debert (1999) afirma que as fases mais avançadas da vida são momentos propícios para que os idosos realizem pendências, que conquistem o que desejem, que encontrem o prazer e a satisfação pessoal, já que as experiências vividas, os saberes e conhecimentos adquiridos ao longo da vida são oportunidades de realizar projetos até então abandonados e, quem sabe, interagir com o mundo dos mais novos.

A mudança fez com que Alice desse um tom significativo às lembranças do passado, principalmente no que tange ao uso da memória na escrita da narradora-protagonista, de modo que a forma como ela escreve, constrói e desconstrói as experiências vividas no passado. A opção de Alice ao narrar em seu caderno/diário o que foi vivido ao longo de seus quarenta dias e de seus dilemas em relação à família foi uma forma encontrada para que Alice rompesse com a solidão ao ser abandonada pela filha. A personagem encontrou na escrita, ainda que essa a estigmatizasse ainda mais, uma ferramenta de construção de identidade, ressignificando sua vida, as lembranças e sua própria personalidade, sendo um mecanismo eficaz para escapar do isolamento, desde o momento em que o direito de escolha de ficar na Paraíba foi negado, mostrando, mais uma vez, que ao invés de terem suas origens preservadas, Alice tornou-se “refém” de sua família. É nítido, ao longo da leitura, que Alice se sente invisível e que a escrita a tranquiliza nessas questões, pois “o caderno veio na minha bagagem por pura teimosia, mas com um destino oculto, tábua de salvação pra me resgatar do meio dessa confusão que me engoliu. (REZENDE, 2014, p. 9)

Ainda que a personagem-narradora não tivesse com quem conversar e compartilhar suas andanças, é no caderno/diário com a capa da Barbie que Alice acaba encontrando uma ouvinte, uma amiga íntima, com quem Alice possa interagir “você é só um recurso mentiroso pra eu me sentir em comunicação com alguém” (REZENDE, 2014, p. 123). No entanto, ao longo da leitura, é possível perceber que a Barbie vai além de ser uma mera ouvinte das angústias e desabafos de Alice, pois a boneca americana de idade semelhante à de Alice também representa a alienação de outras mulheres, como é o próprio caso de Norinha: mulheres que desconhecem a realidade profunda e desigual do país. Além desse desconhecimento, a imagem da boneca também se relaciona com a triste realidade ainda enfrentada em nossa

sociedade, em que muitas mulheres são objetificadas, silenciadas, caladas, mesmo que estejam sempre dispostas a escutar e a não interromper e perturbar:

Diga-me Barbie, você que nasceu pra ser vestida e despida, manipulada, sentada, levantada, embalada, deitada e abandonada à vontade pelos outros, você é feliz assim? você não tem vergonha? eu tenho vergonha de ter cedido, estou lhe dizendo, vergonha (REZENDE, 2014, p. 42).

Desse modo, o romance permite que o leitor reflita sobre como as mulheres muitas vezes são tratadas, comparando-as com as bonecas, em moldes preestabelecidos para a figura feminina, principalmente quando trata-se do aspecto físico e intelectual, em que a Barbie possui uma “cintura inumana” (REZENDE, 2014, p. 81) e uma “pobre cabecinha oca” (REZENDE, 2014, p. 102). A Barbie acaba sendo a representação estereotipada que muitas pessoas têm das mulheres, que seria basicamente o fato de as mulheres estarem sempre cultuando o corpo perfeito e de serem seres desprovidos de inteligência e opiniões, o que claramente é um absurdo. Assim, mais do que uma simples personagem de capa de caderno, Barbie tem muita importância na narração por ser a única “pessoa”, ainda que inexistente, que Alice se sente confortável para esvaziar e extravasar seus sentimentos e, também, por proporcionar reflexões importantes sobre o feminino.

O sentimento de solidão e de tristeza de Alice fez com que ela deixasse seu apartamento por alguns dias e percorresse a capital gaúcha em busca de novas descobertas, tornando-se ainda mais invisível, situação que, de certa forma, era confortável pois Alice disse que “me sinto segura assim, quando ninguém me vê, invisibilidade defensiva que aprendi nas ruas” (REZENDE, 2014, p. 46).

As andanças da personagem por Porto Alegre fizeram com que ela se tornasse o que muitos pensam dos idosos nas condições que ela estava: que são abandonados e moribundos. Alice viveu na pele, por quarenta dias percorrendo as ruas em busca de Cícero, a marginalização nos mais variados modos: sendo mulher, de meia idade, aposentada e vivendo nas ruas por muitos momentos, tendo contato direto com bêbados, mendigos e desconhecidos e não pertencendo a nenhuma dessas categorias vulneráveis, de risco. Por ter vivido – e sofrido – a invisibilidade dos ‘marginais’, Alice foi capaz de perceber, a partir de seu olhar subjetivo e crítico, os limites que segregam os sujeitos que compõem os entrelugares, que muitas vezes sequer são vistos e entendidos pela população local.

O olhar crítico de Alice ao narrar as suas experiências apresenta uma reflexão

aprofundada, por meio de exemplos cotidianos, do drama enfrentado por ela e problematizado no presente trabalho. Alice questiona, ainda que indiretamente, os espaços oferecidos aos idosos na sociedade e as imagens construídas sobre a velhice, que, para Simone de Beauvoir,

O que define o sentido e o valor da velhice é o sentido atribuído pelos homens à existência, é o seu sistema global de valores. Segundo a maneira pela qual se comporta para com seus velhos, a sociedade desvenda, sem equívocos, a verdade – tantas vezes cuidadosamente mascarada – de seus princípios e seus fins. (BEAUVOIR, 1970, p. 97).

Nesse contexto, é preciso que a velhice seja pensada não como uma exigência de visibilidade e de cuidado por parte do outro, mas sim como uma manifestação dos valores de cada um ao depara-se com os seus idosos. É a partir da forma como se lida com os velhos que a sociedade constrói opiniões, preconceitos e estereótipos sobre o que é *ser velho*.

Simone de Beauvoir foi uma pioneira e uma das maiores escritoras sobre o feminismo, deixando um vasto legado sobre o tema. No entanto, foi com o livro *A velhice* que a francesa estremeceu a sociedade ocidental, com críticas contundentes à exclusão, ao abandono e ao desprezo que a sociedade do espetáculo, que exalta a juventude tem pelos velhos. Foi com a obra citada que a discussão sobre esse grupo tão marginalizado pela sociedade veio à tona. O livro tem um caráter revolucionário e denunciativo, sobre abusos, violência, descaso, desumanização a que os velhos estão assujeitados, sendo um marco no campo do pensamento crítico e possibilitando que as opiniões que estavam naturalizadas e acomodadas fossem revistas.

Nesse livro, Beauvoir relaciona a condição de velho ao seu contexto social, de modo que os homens apenas se tornam apenas improdutivos, enquanto as mulheres sofrem ainda mais os efeitos dessa marginalização, já que elas não estão mais dentro dos padrões de beleza e juventude, perdendo seu lugar destinado na sociedade. Simone de Beauvoir acusa a sociedade industrial de explorar o homem, seja ele velho ou novo, pois “a sociedade só se preocupa com o indivíduo na medida em que este se rende. Os jovens sabem disso. Sua ansiedade no momento em que abordam a vida social é simétrica à angústia dos velhos no momento em que são excluídos dela.” (p. 665)

Simone de Beauvoir influenciou de forma profunda estudos e discussões

sobre temas como a opressão e a dependência vivida pelas mulheres e pelos velhos, temas esses que são explicitamente apresentados e discutidos no presente trabalho, e ela encontrou na literatura um instrumento capaz de romper com o discurso engendrado e estereotipado pela sociedade, em que a mulher é um ser inferior e os idosos são dignos de serem descartados. Beauvoir defende que os idosos são cidadãos de direitos e deveres que, depois da exploração do seu corpo, de sua saúde, de seu intelecto e de seus sonhos, são marginalizados pela dependência e pela opressão. Os idosos, que deveriam ser prestigiados e reconhecidos por serem guardiões do passado, da tradição, da memória e da história, acabam sendo julgados pela sociedade individualista e consumista, que cala suas vozes, invisibiliza suas atitudes, impedindo-lhes de exercer seus direitos e rebaixando a autoestima de esta importante parcela da população.

À semelhança de Beauvoir, o romance chama a atenção para a ideia de que envelhecer é aproximar-se das características socialmente atribuídas às mulheres. É fragilizar-se, enfraquecer, reconhecer a dependência e experimentar o cuidado (MARREIROS, 2012, p. 201). A visão de Norinha sobre a velhice seria também reforçar o papel da mulher idosa de cuidadora, afetuosa, doméstica, avó profissional, amorosa, passiva e uma referência de esteio familiar, de amparo.

Em *O segundo sexo*, Simone de Beauvoir dedica um capítulo especialmente à questão da mulher idosa, apresentando questões que até hoje são muito pertinentes

O homem idoso normalmente escapa desse preconceito (de libido, sexo, etc), pois a sociedade não exige dele nem frescor, nem doçura, nem graça, mas a força e a inteligência de um sujeito conquistador. [...] Portanto, é mais difícil envelhecer para a mulher, uma vez que ela está escravizada aos ditames da indústria da moda. (BEAUVOIR, 1970, p. 109)

Segundo Simone, a sociedade é a grande responsável por esse quadro, visto que as políticas públicas voltadas para a velhice são escandalosas. É por culpa do sistema e da sociedade que as questões mentais e senis dos idosos começam prematuramente, fazendo que os idosos sejam explorados, alienados e silenciados rapidamente. Simone de Beauvoir insiste que o sistema, de tanto explorar o jovem, acaba contribuindo para uma velhice doente, dependente e pobre.

A sociedade não permite que os idosos tenham um projeto de vida pensado e decidido por eles, o que Alice acaba retratando no romance, pois a partir do

momento que ela se aposenta, a sua família e amigos passam a decidir como será a vida da professora aposentada, tornando-a dependente deles. Assim, tanto Simone de Beauvoir como Maria Valéria Rezende, cada uma à sua maneira, buscam refletir que uma sociedade que não valoriza seus idosos e suas memórias é uma sociedade sem consciência da própria biografia e da própria capacidade de produção histórica, é um povo alienado, sem identidade, que esquece que eles também serão idosos futuramente.

Desse modo, vivendo em uma sociedade que nega os direitos básicos e a capacidade de transmissão de experiência, de aconselhar, do velho, ele se sente ameaçado e incapaz, como foi o que ocorrido com Alice. Assim, pensando no que é “ser velho”, é curioso pensar as diversas concepções dessa expressão, de forma que elas possam auxiliar na reflexão da nossa sociedade, em que há uma certa rejeição, uma intolerância a esse grupo marginalizado.

Na literatura, nos contos, nas histórias infantis, as mulheres mais velhas geralmente são retratadas como feiticeiras, bruxas, invejosas, malvadas, feias, e são sempre postas em confronto com mulheres jovens e belas. (PAZ, 2000). Assim, tais imagens ficam no imaginário popular, reforçando estereótipos negativos sobre a velhice em geral, principalmente, a velhice da mulher.

Outro ponto importante que a apresentação da velhice na literatura proporciona é a ideia da velhice e da beleza, que é passada aos leitores de um modo, quase sempre, inconciliável. Na velhice da mulher, a imagem da mulher como referência e padrão de beleza sai de cena, evocando-se a figura da avó, da cuidadora, uma imagem que é conotada à fragilidade, apatia, dependência etc., estereótipos típicos das avós (HITA, 2005, p. 110). Tal ponto nos apresenta outro questionamento: será que uma mulher madura não pode ser considerada bonita? Será que uma mulher idosa não pode ser um referencial de beleza? Essas questões ainda nos remetem aos (poucos) momentos em que podemos encontrar essas mulheres na publicidade, que geralmente aparecem em campanhas de produtos de beleza, que tratam de rejuvenescimento da pele e tintura de cabelo, fato que chama a atenção e que também envolve questões identitárias. A mulher, especialmente a idosa, não deixa de ser *menos mulher* por não se render aos produtos estéticos que prometem a ação antirrugas ou por optar pelos fios brancos.

A sociedade precisa ter a consciência de que algum dia toda mulher será idosa, caso viva o suficiente para sê-lo, já que a maioria deseja viver uma vida

longa. No entanto, a sociedade atual não valoriza nem a velhice, o *ser idoso* e nem o fato de grande parcela da população brasileira idosa ser composta por mulheres, segundo dados do IBGE, separando as pessoas por idade, por gerações e por gênero. As mulheres, portanto, têm sido socializadas e treinadas para temer a velhice e o que ela lhes proporcionada, negando o próprio processo de envelhecimento, tentando fugir das penalidades e dos preconceitos impostos à velhice. Carmen Sánchez Salgado, ao escrever sobre a feminização da velhice, afirma que “em uma sociedade, é melhor ser homem do que ser mulher, ser jovem do que ser velho, portanto, ser mulher e ser velha é duplamente desvalorizado” (SALGADO, 2002, p. 12). Ser homem velho ou mulher velha tem suas diferenças, já que essas velhices não são vividas da mesma forma por conta da construção social da sociedade, que define papéis, atribui características consideradas naturais a homens e a mulheres, mas que são características socialmente construídas, são produtos históricos que dificilmente serão revistos.

Com o passar do tempo e com ascensão do capitalismo, a representação da velhice foi perdendo a conotação da sabedoria e foi evidenciando a fragmentação dos tipos de velhice, mostrando que o mundo contemporâneo esquece do velho, desprezando-o ao valorizar a juventude, conforme a jurista e escritora Andréa Pachá mencionou anteriormente. Assim, na contemporaneidade, o idoso passa a ter menos importância no que tange a questão das memórias, tradições e histórias, pois a tecnologia passa a fazer o seu papel, fazendo com que o ancião fique sem um dos seus maiores prazeres. E, com esse advento da tecnologia que acaba tirando do idoso a ideia de “guardião do saber”, a utilidade dele passa a ser muito questionada, já que ele passa a ser rejeitado, pois suas transmissões de experiências já não são mais importantes.

Essa diminuição de importância faz com que o idoso se sinta diminuído, inútil, dependente, apagado, silenciado, reduzido ao posto, geralmente imposto, de cuidador de netos, sem o protagonismo merecido por toda a sua existência. A reflexão apresentada trata sobre a visão restrita, estereotipada e linear do processo de envelhecimento que ainda acontece na sociedade e que precisa ser revista e mudada urgentemente. Grande parte dos idosos, hoje, não podem se dar ao luxo de se aposentarem quando queiram, mas sim quando a vida financeira permitir, pois a Reforma da Previdência aprovada em 2019 mudou diversas regras e tornou a concessão da aposentadoria ainda mais difícil e criteriosa, fazendo com que muitos

brasileiros sejam obrigados a trabalhar mais e, conseqüentemente, aproveitar menos um período da vida tão merecido e esperado por muitos. Desse modo, é válido refletir sobre o direito de escolha do idoso na sociedade, principalmente quando ele tem o privilégio de não precisar mais trabalhar depois de aposentado. Foi por conta desse direito de escolha – seja pelo descanso, por querer aproveitar a velhice, por não querer assumir determinadas responsabilidades e preocupações, que Alice se viu coagida a tornar-se uma “avó profissional”.

O fato de a personagem ceder pode ser interpretado sendo um gesto desesperado de sobrevivência imediata e momentânea. Além disso, é importante mencionar que o vivido por Alice foi uma violência emocional, mas não é possível desconsiderar que há casos em que o idoso, além da violência psicológica, também enfrenta uma violência física, resultante de maus tratos, por parte da família.

A violência contra os idosos não ocorre só no Brasil: faz parte da violência social em geral e constitui um fenômeno universal que ganhou força em seus estudos nas últimas décadas. Em muitas sociedades, muitas expressões dessa violência são tratadas frequentemente como uma forma “naturalizada”, ‘normal’ de agir, ficando oculta nos usos, costumes, relações entre as pessoas e até mesmo as denúncias. O velho é vítima de diversas formas de violência por parte da família e da sociedade. Esse tipo de coisa é bastante comum. A violência cuja prática às vezes não é nem percebida, mas tem efeito devastador para o velho quanto à agressão física e a violência psicológica ou moral (ZIMERMAN, 2005).

Tanto no Brasil como no restante do mundo, a violência contra os mais velhos se expressa nas formas de relações entre as classes, os gêneros, as raças e as faixas etárias, de forma que a relação de poder entre os mais fortes contra o grupo considerado mais vulnerável é considerada uma violência.

Por fim, a partir desses questionamentos e interpretações, é válido pensar em como deveria ser a sociedade para que a velhice não fosse uma época de tanta opressão e invisibilidade, e uma solução encontrada por Simone de Beauvoir seria a de que o ser humano sempre fosse tratado como um ser humano, independente da sua idade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos últimos três anos em que me dediquei a estudar o *corpus* do presente trabalho e a refletir sobre as possibilidades temáticas que a obra oferece como objeto de pesquisa, refleti muito sobre a função da literatura nos dias de hoje. Ao longo desses anos, vi algumas passagens e situações retratadas no romance fazendo parte do meu cotidiano, influenciando meus pensamentos, fortalecendo meu senso crítico e meu modo de lidar com determinadas situações. A partir da leitura e das diversas releituras do livro, pude destrinchar histórias que poderiam passar despercebidas ao olhar do leitor desatento, tendo a possibilidade de refletir sobre tais passagens. Com *Quarenta Dias* pude reviver a leitura de Alice no País das Maravilhas e perceber as impecáveis relações intertextuais presente no romance, assim como pude viajar de João Pessoa a Porto Alegre em instantes, passando a conhecer cidades até então nunca visitadas por mim. Conhecer os universos das mulheres retratadas na obra foi uma viagem a parte, principalmente no que tange ao mundo de Alice e suas múltiplas personalidades: mãe, avó, professora Póli, amiga, patroa, andarilha. Milena, Lola e a boneca Barbie também merecem ser lembradas, afinal, elas foram grandes companheiras da protagonista ao longo do romance, formando uma rede de apoio fundamental para que a história de Alice pudesse se desenvolver.

A figura de Alice como uma mulher marginalizada pela sociedade permitiu investigar a forma como a mulher idosa é representada no romance *Quarenta Dias*, de Maria Valéria Rezende, sendo uma forma de refletir sobre as mulheres com as mesmas características de Alice. Rezende trouxe para o debate da literatura contemporânea temas como deslocamentos, senescência, identidade e marginalidade, além de chamar a atenção para os abusos que as famílias fazem com os seus idosos. Tais reflexões evidenciam a representação do feminino em narrativas contemporâneas, tendo em vista o questionamento na obra sobre os espaços sociais que são oferecidos a mulher de meia idade.

Quarenta Dias, romance da literatura brasileira contemporânea, apresenta um dos espaços que essa literatura oferece: o de enxergar o mundo de diversas formas, potencializando a voz daqueles que, durante muito tempo, tiveram esse direito negado simplesmente por serem minoria. O romance faz ecoar a voz das mulheres,

especialmente idosas, na luta para viver a vida que elas querem, não as impostas por suas famílias, dos sujeitos subalternizados que conseguem verbalizar os seus próprios discursos, contrapondo-se à relação de dominação que durou muitos anos e perpassou pelas mais diferentes literaturas.

O romance evidencia a angústia de Alice em ir viver na Porto Alegre até então desconhecida para ela, de modo que a sensação de não-pertencimento fez com que ela explorasse as camadas marginais da capital gaúcha, vagando pelas ruas durante quarenta dias, sob o pretexto de estar procurando por Cícero. A busca pelo rapaz aponta para uma ressignificação da construção da imagem da mulher idosa na sociedade contemporânea e da busca por sua identidade, conforme a própria personagem aponta: “saí, em busca de Cícero Araújo ou sei lá de que, mas sem despir-me dessa nova Alice” (REZENDE, 2014, p. 95).

A personagem criada por Maria Valéria Rezende reage, por meio da escrita diarística nas páginas amareladas do caderno da Barbie e do contato com o Outro, às construções sociais estratificadas e injustas, que aprisionam as pessoas que desejam a liberdade em papéis pré-estabelecidos, vide o pensamento de Norinha em achar que só porque Alice já se aposentou, perdeu sua “utilidade”, devendo-se viver para o papel de avó. Além disso, trata-se de uma personagem que constrói, de maneira criativa e solidária, novos elos com o ser-humano, como se o conhecesse há tempos. O olhar de acolhimento que Alice oferece aos marginalizados, torna-a protagonista e autora de sua própria história, de modo que ela se permite viver novas experiências, novos encontros, enunciados, sentidos, desejos, tentando descobrir, a cada situação, um pouco mais de si mesma.

A escrita de Alice ao longo da obra merece atenção, pois o mesmo tempo que ela pode ser uma maneira da personagem tomar posse da própria história, ela também pode ser uma forma de cura, de “dominação”, de “compensação”, de como de se “vingar” das outras mulheres, como Norinha e Barbie, por exemplo, já que o escritor, teoricamente, é o responsável por dar a última palavra. Nesse sentido, é possível que a questão da escrita seja mesmo para deixar os leitores instigados, assim como há outras partes do livro que os deixam.

O final do romance não deixar claro se Alice vai ficar em Porto Alegre ou se retornará para João Pessoa. No entanto, não é esse final que realmente importa para a o leitor, mas sim a transformação da personagem e as questões que ela precisava entender sobre seu papel como mãe, como mulher idosa e sobre si

mesma: “aquela sensação de existir solta, no meio do mundo, sem nenhuma determinação alheia, mas exposta a tudo, uma conquista dura” (REZENDE, 2014, p. 13).

A experiência de Alice ao longo do romance prova sua autonomia, sua capacidade inventiva, sua facilidade para se relacionar com desconhecidos/as, de decidir sobre a própria vida e transgredir os limites impostos, assim como levanta importantes questionamentos sociais ao se tornar uma andarilha urbana, evidenciando o seu processo de não-pertencimento aos moldes estabelecidos para a mulher de meia idade na sociedade, que tendem a inferiorizá-la. Todo esse processo faz parte de sua busca identitária, passando pelo seu passado e pelo seu presente, pelas questões da subjetividade da personagem (tentativa de encontrar sua identidade, da importância de sua escrita), das questões que ela tem com o espaço onde vive e com os seus deslocamentos, das questões relacionadas à sua família e dos questionamentos críticos e sociais que ela tem durante o romance no que tange às desigualdades sociais.

As relações apresentadas ao longo do trabalho sobre a questão dos deslocamentos e dos caminhar, principalmente as metáforas apresentadas por Careri (2017) nos levam a reflexões que vão além do que é apresentado no romance. É caminhando, parando, seguindo viagem, (re)encontrando pessoas pelo caminho, se perdendo, mudando o rumo, enfrentando suas limitações, tendo que tomar decisões até então inimagináveis que o indivíduo vai sendo o protagonista do seu processo de autoconhecimento.

Quarenta Dias traz à tona a situação social da pessoa idosa no Brasil, revelando a necessidade de discussões mais aprofundadas sobre as relações do idoso na família e na sociedade, de forma que essa parcela da sociedade deixe de ser invisível, pois os idosos têm preocupações emocionais, econômicas e físicas permanentes e que muitas vezes são ignoradas pela própria família. É nesta fase que as mulheres vivem as desvantagens acumuladas ao longo de uma vida de discriminação e desigualdades estruturais (GOLDANI, 1999) e que continuam sendo diminuídas e invisibilizadas, já que perderam a sua “utilidade”, servindo apenas para cuidar dos futuros netos.

Todas essas desigualdades e discriminações que ainda são enfrentadas pelas mulheres, tornam-se ainda mais características à mulher idosa, pela questão da idade e pela sociedade ser orientada para a juventude. É curioso pensar que a

mesma sociedade que cultiva o jovem e enfatiza a importância do homem faz com que a mulher idosa não tenha a atenção merecida, esquecendo que os que hoje cultuam isso, amanhã serão os idosos que necessitarão de apoio, já que também serão vulneráveis.

Por fim, é possível concluir que Alice é um pouco de cada um de nós. Ela faz o que, muitas vezes, fazemos metaforicamente: vagamos sem rumo, em busca de algo ou alguém, quando o que buscamos, na realidade, é a nossa própria identidade. Essa busca da personagem pela sua própria identificação, ainda mais quando trata da invisibilidade das pessoas idosas perante a sociedade, é apenas um dos diversos recortes que é evidenciado em *Quarenta Dias*.

A personagem mostra que é no desconhecido que podemos fazer autodescobertas, de forma que todas elas fazem parte da (re)construção de sua identidade. Alice mostra que toda revolução pessoal só é possível se não for acabada.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Mulheres tão diferentes que éramos: a escritora contemporânea e as narrativas cosmopolitas na aldeia global. *In: DALCASTAGNÉ, Regina; LEAL, Virginia M. Vasconcelos. Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2010. p. 12-22.
- ARRUDA, Angela Maria Pelizer de. Cultura e literatura contemporânea: algumas abordagens do pós-moderno. *Estação Literária*, Londrina, v.9, n. 1, p. 220-237, jun. 2012.
- AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- BALOUSSIER, Anna Virginia. Freira que venceu Jabuti fala de seu livro e critica 'chororô dos jovens'. *Folha UOL*, 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/12/1715070-freira-que-venceu-jabuti-fala-de-seu-livro-e-critica-chororo-dos-jovens.shtml>. Acesso em: 11 set. 2022.
- BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Difel, 1970.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas, 3).
- CARERI, Francesco. *Caminhar e parar*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2017.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DALCASTAGNÉ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dez. 2007.
- DALCASTAGNÉ, Regina. Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília*, n. 21, p. 33-53, jan./jun. 2003.
- DEBERT, Guita Grin- *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Edusp, 2020.
- GARCÍA CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas*. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp, 2008.
- GOLDANI, Ana Maria. Mulheres e envelhecimento: desafios para novos contratos intergeracionais e de gênero. *In: CAMARANO, Ana Amélia. Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. p. 75-113.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência*

urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. *A ideologia da velhice*. São Paulo: Cortez, 1986.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANCIAU, Nubia. Entre-lugar. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005. p. 125-42.

HARRIS, Leila A. Espaços discursivos, geográficos e afetivos na literatura diaspórica contemporânea. In: HARRIS, Leila A. *A voz e o olhar do outro*. Rio de Janeiro: Editora Letra Capital, 2009. p. 36-45. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/vozelharoutro/volume001/003.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2021

HITA, Maria Gabriela. Geração, raça e gênero em casas matriarcais. In: MOTTA, Alda Britto da; AZEVEDO, Eulália Lima; GOMES, Márcio Queiroz de Carvalho (org.). *Reparando a falta: dinâmica de gênero em perspectiva geracional*. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2005. (Coleção Bahianas).

HOLLANDA, Heloisa Buarque. Os estudos de gênero e a mágica da globalização. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros, SCHNEIDER, Liane (org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: UFPB, 2005.

IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: IANNI, Octavio. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 11-31.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Projeção da população do Brasil por sexo e idade para o período 2000/2060*. 2013. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2013/default.shtm <http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 16 abr 2020.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família: contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUDMER, Josefina. *Aqui América Latina: uma especulação*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2013.

MAFESSOLI, Michel. *Sobre o nomadismo. Vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2001.

MAKINE, A. *Au temps du fl euve amour*. Paris: Editions du Félin, 1994.

MARREIROS, M. et al. Representações sociais do envelhecimento elaboradas por mulheres. In: RANGEL Tura, L.; OLIVEIRA SILVA, A. (org.). *Envelhecimento e representações sociais*. Rio de Janeiro: Quartet; FAPERJ, 2012. p. 201-224.

MELO, Cimara Valim de. *O lugar do romance na literatura brasileira contemporânea*. 2010. 278 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras Português, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MONTE, A. *Quarenta dias*, de Maria Valéria Rezende. *A Tribuna*, Santos, 8 abr.2014. Disponível em: <https://armonte.wordpress.com/2014/04/08/destaque-do-blog-quarentadias-de-maria-valeria-rezende/>. Acesso em: 05 ago. 2016.

MORAES, Camila. Maria Valéria Rezende: “As pessoas pensam que freiras são bobinhas. Como podem escrever literatura?”. *El País*, 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/20/cultura/1487625634_391058.html?id_externo_rsoc=TW_BR_CM. Acesso em: 11 set. 2022.

PACHÁ, Andréa. IBDFAM – Andréa Pachá, autora do livro “Velhos são os outros” concorre ao Prêmio Jabuti. *Instituto Brasileiro de Direito de Família – IBDFAM*, 2019. Disponível em: <https://www.anoreg.org.br/site/2019/12/02/ibdfam-andrea-pacha-autora-do-livro-velhos-sao-os-outros-concorre-ao-premio-jabuti/>. Acesso em: 16 jan. 2020.

PAZ, Serafim Fortes. Espelho... Espelho meu! Ou das imagens que povoam o imaginário social sobre a velhice e o idoso. *In: PAZ, Serafim F. et al. Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia?* Rio de Janeiro: CBCISS; ANG/Seção Rio de Janeiro, 2000. p.43-84.

PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar do estrangeiro. *In: NOVAES, Adauto (org.). O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução de Viviane Ribeiro. São Paulo: EDUSC, 2005.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. São Paulo: EDUSC, 1999.

REZENDE, Maria Valéria. *Quarenta dias*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014

RODRIGUES, Maria Fernanda. *Maria Valéria Rezende viveu na rua para escrever romance*. Estadão, 2014. Disponível em <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,maria-valeria-rezende-viveu-na-rua-para-escrever-romance,1161541>. Acesso em: 11 set. 2022.

SALGADO, Carmen D. S. Mulher idosa: a feminização da velhice. *Estudo Interdisciplinar Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 4, p. 7-19, 2002.

SANT'ANA, Renata Cristina. *O sertão e a cidade no universo feminino de Maria Valéria Rezende*. 2020. 259 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2020.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SILVA, Marcelo Medeiros da. Práticas de escrita feminina: o exercício da resistência. *Verbo de Minas*, Minas Gerais, v.13, n. 21, p. 107-118, 2012. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/189/114>. Acesso em: 17 nov.2021.

SOLNIT, Rebecca. *A história do caminhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

SPIVAK, Gayatri. Quem reivindica alteridade? *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

TELLES, Lygia Fagundes. Senhor diretor. *In*: TELLES, Lygia Fagundes. *Seminário dos ratos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 17-31.

TORO, Fernando de. El desplazamiento de la literatura, la literatura del desplazamiento y la problemática de la identidad. *Extravío: Revista electrónica de literatura comparada*, València, n. 5, 2010. Disponível em: <http://www.uv.es/extravio>. Acesso em: 05 ago. 2012.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

ZIRMERMAN, Guite I. *Aspectos biopsicossociais*. São Paulo: Artemed, 2005.